

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

CARLA PAOLA RODRIGUEZ PINEIRO

CONSUMISMO: ESTUDO DE VEBLEN EM "A TEORIA DA CLASSE DO LAZER"
SOBRE UMA VIDA DE APARÊNCIAS

Florianópolis

2021

CARLA PAOLA RODRIGUEZ PINEIRO

CONSUMISMO: ESTUDO DE VEBLÉN EM "A TEORIA DA CLASSE DO LAZER"
SOBRE UMA VIDA DE APARÊNCIAS

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Economia.
Orientador: Prof. Armando de Melo Lisboa

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

PINEIRO, CARLA PAOLA RODRIGUEZ
CONSUMISMO: ESTUDO DE VEBLEN EM "A TEORIA DA CLASSE DO
LAZER" : SOBRE UMA VIDA DE APARÊNCIAS / CARLA PAOLA
RODRIGUEZ PINEIRO ; orientador, ARMANDO DE MELO LISBOA,
2021.
67 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sôcio
Econômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis,
2021.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. CONSUMISMO . 3. VEBLEN. 4.
CLASSE DO LAZER. 5. EMULAÇÃO. I. DE MELO LISBOA, ARMANDO.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Econômicas. III. Título.

CARLA PAOLA RODRIGUEZ PINEIRO

CONSUMISMO: ESTUDO DE VEBLEN EM "A TEORIA DA CLASSE DO LAZER"
SOBRE UMA VIDA DE APARÊNCIAS

Florianópolis, 11 de maio de 2021.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Dr. Armando de Melo Lisboa
Instituição UFSC

Dr. Daniel de Santana Vasconcellos
Instituição UFSC

Dr. Wagner Leal Arienti
Instituição UFSC

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Economia por mim e pelos demais membros da banca examinadora.



Dr. Armando de Melo Lisboa
Orientador

Florianópolis, 2021.

Este trabalho é dedicado aos meus queridos pais Carlos e Graciela.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que permitiu que minha jornada em busca de meus sonhos fosse concretizada.

A meus pais Carlos e Graciela, que dedicaram sua vida a me educar e incentivar mesmo nos momentos mais difíceis.

A meu irmão Freddy, meu melhor amigo, conselheiro e minha inspiração.

A meu noivo Leonardo, pelo incentivo diário e companheirismo.

Aos professores Armando M. Lisboa e Daniel Vasconcellos pelas correções e ensinamentos que me permitiram crescer pessoal e profissionalmente

À Universidade Federal de Santa Catarina por tudo que aprendi.

E a todos aqueles que contribuíram, de alguma maneira, para a realização deste trabalho.

Somos persuadidos a gastar dinheiro que não temos em coisas que não precisamos para transmitir impressões efêmeras a pessoas com as quais não nos importamos. (Tim Jackson).

RESUMO

O presente trabalho busca encontrar na obra de Veblen os motivos pelos quais a cultura do consumismo desenvolveu-se a tal ponto onde atingiu um modo de vida cujo objetivo final é o consumo como meio de garantir a felicidade. Busca também apresentar a procedência da cultura do hiperconsumismo no século XIX. Responde às questões econômicas sobre a ótica da psicologia social e através do método qualitativo, com algumas observações quantitativas de Lipovetsky de modo a confrontar teorias do século passado com a de um pensador da modernidade. Revela a importância econômica da influência das classes do lazer, das classes religiosas e das doutrinações por elas aplicadas através da educação visando o consumo conspícuo e a necessidade de emulação.

Palavras-chave: Consumo Conspícuo. Emulação. Hiperconsumismo.

ABSTRACT

The present work seeks to find in Veblen's work the reasons why the culture of consumerism developed to such an extent that it reached a way of life whose ultimate goal is consumption as a means of guaranteeing happiness. It also seeks to present a provenance of the culture of hyper consumption in the 19th century. Respond to economic questions from the perspective of social psychology and through the qualitative method, with some quantitative solutions from Lipovetsky in order to confront the theories of the last century with a thinker of modernity. It reveals the economic importance of the influence of the leisure classes, the religious classes and the indoctrinations applied by them in medical education, conspicuous consumption and the need for emulation.

Keywords: Conspicuous Consumption. Emulation. Hyperconsumism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 RECOMENDAÇÕES DE USO	16
1.2 OBJETIVOS	16
1.1.1 Objetivo Geral	16
1.1.2 Objetivos Específicos.....	16
2 CONHECENDO O AUTOR.....	16
2.1 Quem foi Veblen?	17
2.2. Importância do autor em sua obra e no pensamento econômico.....	17
2.3 Época em que Veblen escreve.	18
2.4 Análise de Veblen feita por Malves.....	19
3 ANÁLISE DE "A TEORIA DA CLASSE DO LAZER"	23
3.1 INTRODUÇÃO (CAP.1).....	23
3.2 EMULAÇÃO PECUNIARIA (CAP.2)	25
3.3 LAZER CONSPICUO (CAP.3).....	25
3.3.1 Criados Domésticos X Criados Particulares	27
3.4 CONSUMO CONSPICUO (CAP.4)	28
3.5 O PADRÃO DE VIDA PECUNIARIO (CAP.5)	32
3.6 CANONES PECUNIARIOS DO GOSTO (CAP.6).....	34
3.6.1 Exemplo da colher.....	36
3.7 O VESTUARIO COMO EXPRESSAO DA CULTURA PECUNIARIA (CAP.7).....	40
3.8 AFASTAMENTO DO TRABALHO PRODUTIVO E CONSERVADORISMO (CAP.8)	42
3.9 A PRESERVAÇÃO DE TRAÇOS ARCAICOS (CAP.9).....	45
3.10 VESTIGIOS MODERNOS DE PROEZA (CAP.10).....	47
3.11 A CRENÇA NA SORTE (CAP.11)	49
3.12 OBSERVANCIAS DEVOTAS (CAP.12).....	51
3.13 VESTIGIOS DOS INTERESSES NAO DISCRIMINATORIOS (CAP.13)	52
3.14 O ENSINO SUPERIOR COMO EXPRESSAO DA CULTURAPECUNIARIA (CAP.14).....	54
4 DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS	56

4.1 COMPARATIVO ENTRE VEBLÉN E LIPOVETSKY	56
5 CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia visa realizar um estudo aprofundado do primeiro grande livro de Thorstein Veblen, “A Teoria da Classe do Lazer”. Veblen foi um grande economista norte americano da virada do século XIX ao XX que trouxe ao pensamento econômico uma nova forma de ver os problemas enfrentados por sua nação na época, com a industrialização e a cultura do consumo conspícuo.

Veblen foi um crítico ao modo de estudo dos clássicos e um dos fundadores do institucionalismo que buscou libertar o pensamento crítico nas universidades, é uma referência para o que temos hoje nos estudos de economia onde levam-se em conta fatores psicossociais que em sua época não eram considerados.

Veblen faz uma profunda reflexão acerca do consumo, de como surgiu, para onde foi e até mesmo para onde iria prevendo nossa sociedade atual, já que o mesmo escreveu sua obra no ano de 1899.

Ao nascer cada indivíduo é submetido a uma cultura, dependendo de cada região essa cultura será mais ou menos consumista e cada cultura irá preferir determinados produtos e serviços que talvez por outras não seja assim tão adorados, ou quiçá nem conhecidos mas, se há algo em que podemos dizer que ambas tem em comum, é o ato de adquirir, ou seja, de consumir, tanto bens, como serviços.

É por este motivo que se fez presente a ideia de estudar mais a fundo o que se tem desde a história dos primórdios da humanidade até a nossa sociedade atual, o que leva as sociedade a consumirem cada vez mais, num nível onde muitas vezes a produção é superior à real necessidade, mas ainda assim a produção é estimulada cada vez mais.

Em nossa sociedade atual percebemos que o consumismo toma conta de nosso modo de vida e por este motivo tem-se muito a aprender com os ensinamentos de Veblen que apesar de antigos fazem todo o sentido em nossa época. A busca pela compreensão do consumo acima da necessidade real para a subsistência é o objetivo principal de todo o estudo comportamental de Veblen assim como deste trabalho.

Entende-se que a resposta não é puramente matemática mas sim cultural e

esta cultura possui interesses das classes abastadas que moldaram e ainda moldam os hábitos de pensamento de sua população sem que a mesma o perceba.

Por fim, é analisada a obra "A Felicidade Paradoxal" do filósofo e teórico da hipermodernidade Gilles Lipovetsky para entender o que mudou desde a época de Veblen, o que permanece e de que maneira as ideias de Veblen se encaixam e são válidas para nosso contexto de produção da atualidade.

1.1 RECOMENDAÇÕES DE USO

Os estudos aqui apresentados podem ser utilizados como base ou complemento de alguns temas com foco na psicologia econômica, no estudo comportamental, em entendimentos da hereditariedade de hábitos e pensamentos, bem como na hereditariedades étnicas e temperamentais, no estudo da influência das classes do lazer, das classes abastadas ou ainda das mídias influenciadoras, o propósito de pertencimento a uma dada classe, o desejo de consumo emulativo, dentre outros nesta linha.

1.2 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Estudar os motivos pelos quais os indivíduos consomem quantidades acima do necessário para sua subsistência;

1.1.2 Objetivos Específicos

Discutir e analisar a obra de Veblen "Teoria da Classe do Lazer", mostrando a importância da mesma dentro do pensamento econômico e para a contemporaneidade;

Discutir a cultura atual do hiperconsumismo.

2 CONHECENDO O AUTOR

2.1 Quem foi Veblen?

Thorstein Bunde Veblen (1857-1929) foi um grande influenciador na teoria econômica. Filho de noruegueses porém com nacionalidade Estadunidense, formou-se em filosofia pela Universidade Johns Hopkins e doutorou-se por Yale. Ao não obter sucesso na busca de trabalho como professor, matriculou-se na Universidade de Cornell, onde conheceu James Laurence Laughlin (economista e professor americano que ajudou a fundar o Federal Reserve System e defensor do padrão ouro), que o convidou para fazer parte do Departamento de Economia da Universidade de Chicago.

Em 1919, Veblen funda a New School for Social Research, juntamente com outros pensadores progressistas como: Charles Beard (1874-1948), John Dewey (1859-1952), Alvin Johnson (1874-1971) e Wesley Clair Mitchell (1874-1948), em resposta à insatisfação com a limitação da liberdade acadêmica nos Estados Unidos.

Sua obra mais famosa é *The Theory of the Leisure Class* (1899), a qual é objeto deste estudo, onde Veblen analisou a economia de sua época de modo temporal, classificando cada época da evolução para o desenvolvimento humanos em estágios, sendo estes: Pacífico, Bárbaro, Predatório e Pecuniário.

Veblen é considerado também fundador da Escola Institucionalista de Economia, juntamente com John Commons e Wesley Mitchel. Isto se deve a sua contribuição, principalmente com a obra objeto de estudo deste trabalho, na qual Veblen estabelece diversos tipos de instituições observáveis nas comunidades onde os hábitos e rotinas arraigadas e/ou canonizadas formam uma instituição, como o é por exemplo a Classe do Lazer, que é uma classe de indivíduos que se abstêm do trabalho produtivo.

2.2. Importância do autor em sua obra e no pensamento econômico

A importância de Veblen para o pensamento econômico diz respeito a uma revolução no pensamento econômico acadêmico, tradicionalmente clássico, que passa a ser questionado e criticado pelo mesmo. Seu ponto de vista a partir de uma

abordagem evolucionária da economia, a introdução de conceitos biológicos trazidos de Charles Darwin, bem como a análise pela abordagem psicológica com a Psicologia dos Instintos de William James, enriqueceram muito o pensamento econômico. A importância que aspectos sociais tem como papel influenciador nas diretrizes da economia passa então a ser valorizado e estudado mais a fundo a partir de Veblen, de forma que hoje a economia já passou a ser considerada uma Ciência Social.

O estudo dos hábitos de pensamento, do temperamento, assim como da hereditariedade étnica, estão intrínsecos a qualquer estudo sobre previsão na economia moderna.

Um exemplo de sua importância pode ser verificado na bolsa de valores, onde as variações condizem exatamente com as mudanças ocasionadas por eventos específicos no comportamento do ser humano e estas mudanças dizem respeito aos padrões formados de pensamento, onde alguns serão mais arrojados e outros avessos ao risco, o que é explicado por Veblen também em seu capítulo sobre crença na sorte.

Veblen é um autor que sofre marginalização pois sua obra nunca foi de fácil apreensão pelos economistas e por este motivo é difícil encontrar trabalhos com expressão direta dos escritos do mesmo. Geralmente nas universidades Veblen é abordado a partir de resumos de professores ficando desta forma bastante vaga a teoria econômica por ele apresentada.

2.3 Época em que Veblen escreve.

É importante ressaltar que Veblen escreve sua obra sobre a teoria da classe do lazer como meio de apresentar uma discussão e um melhor entendimento para o consumo de bens materiais e culturais, no que tange à quantidade e qualidade do consumo, e no estudo do porquê do consumo em nível acima da necessidade para a manutenção da vida.

A época em que é escrita a obra é considerada como industrial-pecuniária e atua com foco na eficiência da produção. É uma fase com muitas conturbações econômicas e políticas, onde se fazem presente as instituições industriais e com

elas acarretam problemas socioeconômicos. Veblen escreve numa época de transição entre a Era Dourada para a Era Progressista, onde os problemas sociais enfrentados na Era Dourada davam origem aos primeiros passos rumo à Era Progressista.

Nesta fase havia-se passando pela Era Dourada, que foi uma era de muita pobreza e sofrimento para os menos abastados. Com muitos hábitos discriminatórios e uma cultura fortemente bélica, com foco em invadir outras comunidades para apropriação e imposição da cultura do consumo conspícuo de bens e serviços. Com indústrias que exploravam o trabalhador e a exploração incluía crianças.

O rápido crescimento das cidades gerou uma serie de insatisfações onde a comunidade lutava por algumas causas como redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias e a abolição do trabalho infantil. A classe média exigia reforma do funcionalismo público. Os governos locais construíram escolas públicas. O catolicismo expandia-se e estava se tornando a maior religião em quantidade de membro e nível de riqueza também. Católicos, luteranos e episcopais criaram escolas que logo formaram numerosas faculdades, hospitais e instituições de caridade.

2.4 Análise de Veblen feita por Malves

A ideia agora é ter uma visão de Leonardo Malves, um jornalista, antropólogo e pesquisador da área de antropologia econômica e jurídica, criador do site Ensaios e Notas (<https://ensaioenotas.com/tag/sobre>), onde divulga seus escritos. Malves escreve sobre Veblen em 2017, sendo assim temos uma visão de um pensador da atualidade acerca dos estudos do século XIX.

Ostentação é comprar aquilo que você não quer, para mostrar para quem você não gosta com o dinheiro que você não tem. (Autor desconhecido)

O autor inicia seu artigo com esta frase provocadora de autor desconhecido. E desata relatar sua visão sobre Veblen. O mesmo comenta acerca da versão brasileira de tradução de "A Teoria da Classe Ociosa" (Veblen, 1899) exaltando sua importância para a atualidade.

Faz uma breve descrição da vida de Veblen criticando a forma como o mesmo teria sido marginalizado ao longo da história e principalmente em sua época onde era mais conhecido como um crítico social do que um teórico social ou econômico.

As histórias para tirar crédito a Veblen, segundo Malves (2017) seriam as mais remotas possíveis, haveria por exemplo o boato de que Veblen nem sequer haveria conseguido dominar a língua inglesa, isso apesar dele não só falar a língua inglesa senão que também várias outras línguas, bem como invenções acerca de sua vida amorosa e de que seria um galanteador inveterado que nunca conseguira um emprego fixo.

Segundo o autor, apenas o escritor Ordner (2012) teria conseguido descrever a vida de Veblen com veracidade. Enaltecendo-o como um homem estudioso que foi, esforçado e que mesmo durante o tempo em que se encontrou desempregado dedicava-se às leituras vorazes que logo o levaram a realizar doutorado em Economia na Universidade Cornell.

Comenta como Veblen não concordava com a teoria neoclássica por achá-la reducionista e não negligentes com os fatos históricos, o que demonstrava sua posição política como socialista. Uma sociedade livre de desigualdade e desenvolvida industrialmente seria a sociedade ideal para Veblen e a que seria capaz de fazer o capitalismo cair por terra.

Para Malves (2017) o fato de Veblen afirmar que não era de acordo com sociedades utópicas e de não costumar citar Marx em suas obras, o configura como desfavorável ao comunismo.

Em poucas palavras o autor descreve que Veblen faz em seu livro um esquema evolucionista para analisar a sociedade, onde inicia com uma fase selvagem, porém igualitária, logo surgindo a barbárie onde consolida-se uma classe ociosa que é sustentada pela propriedade. Onde possui a apropriação tanto de coisas como de humanos, no caso a propriedade de suas mulheres que são tidas como troféus para mostrar aos inimigos e diz que desse modo de vida de ociosidade acaba por surgir a prática atividades que demonstrem poder, que demonstrem ócio e daí surge a caça que mais tarde daria espaço à prática de esportes.

Se o ócio não for ostensivo, não há razão para exercê-lo. outra alternativa ao ócio é o consumo ostensivo. (Malves 2017)

Desta forma, para quem não faz parte da classe ociosa, resta trabalhar para tentar conseguir algumas melhorias na sua posição social através do consumo conspícuo incentivado pelo desejo de emulação. Mas, cabe ressaltar, que apesar de trabalhadores esforçarem-se ao máximo para elevar seu padrão de vida, havia algumas atividades as quais eles nunca poderiam realizar por ser exclusivas das classes mais abastadas, desta maneira haveria assim uma discriminação entre as classes.

Na constante mania de comparação que a comunidade da época do Veblen vivia, o sentimento que surgia era de inveja e de vontade de causar inveja aos demais membros da comunidade.

A classe ociosa vive do lazer conspícuo onde membros como esposa e filho do senhor consomem seu tempo com atividades improdutivas e no consumo conspícuo pois precisam manter as aparências frente à sociedade, uma das formas de demonstrar possuir capacidade pecuniária é através das vestes que devem ser do maior valor pecuniário possível. Exerce seu domínio através da política, religião e educação. Apesar das instituições de caridades criadas e de ajuda ao próximo, no fundo a classe ociosa só faz o que faz por interesse próprio em permanecer no poder e ditar as regras da sociedade.

As considerações finais do autor foram de que Veblen viveu com desconfiança na Era Progressista, onde pouco caso se lhe era feito mas, ganhou reconhecimento um tempo depois, ganhando grande número de adeptos a sua teoria a respeito do comunismo e de sua teoria Institucionalista a partir da crise de 1929.

Recentemente, influenciou a antropologia econômica, os estudos de consumo, a antropologia da moda e a Nova Economia Institucional. (Malves, 2017)

Malves diz que tudo que fora apresentado pelo autor, cabe nas observações de nossa sociedade hoje em dia. Como exemplo cita a questão do aumento das mídias, onde os *influencers*, seriam a nova classe do ócio da modernidade.

No Instagram parecem em um eterno turismo, tirando fotos de pratos elaborados, paisagens exóticas, roupas casualmente caras. (Malves, 2017)

Por fim, o autor ainda compara Veblen com Weber, apontando que ambos teriam tentado explicar os fatores do consumo além da subsistência com base no desejo de ganhar status social.

3 ANÁLISE DE "A TEORIA DA CLASSE DO LAZER"

3.1. INTRODUÇÃO (CAP.1)

Na obra de Veblen apresenta a evolução da sociedade em alguns estágios, sendo estes: o Selvagem, o Bárbaro e o Predatório. Como o título menciona, a idéia do Veblen foi criar a teoria da classe do lazer. A classe do lazer é uma classe voltada ao usufruto de suas horas de vida em atividades não produtivas, sendo assim, uma classe ociosa e honorífica, pois teria a possibilidade de usufruir da vida sem submeter-se ao trabalho produtivo e servil visto, sem nobreza alguma.

No início das civilizações, no Estágio Selvagem, não haveria portanto, uma classe ociosa. Neste estágio, apesar da distinção entre tarefas nobres (realizadas pelos homens) e não nobres, (realizadas pelas mulheres), a ociosidade não reinava. Os homens tinham de prover as atividades não industriais e as mulheres as industriais, contribuindo cada um com sua parte.

Logo, tem-se o Estágio Bárbaro. Para identificar o início da passagem do estágio Selvagem para o Bárbaro, pode-se, segundo Veblen (2018), observar a instituição de uma classe que se ocupa com a guerra. Veblen (2018, p. 69) faz uma distinção sutil.

O que conta para a dicotomia “selvagem-bárbaro” não é a frequência das guerras, mas antes saber se já estava instalado um “hábito de pensamento belicoso”, a instituição de uma classe que se ocupa da guerra:

A fase predatória da cultura só é atingida quando a atitude predatória se torna o estado de espírito habitual e acreditado aos olhos dos membros do grupo (VEBLEN, 2018, p. 69).

É no estágio bárbaro que tem-se o aparecimento da classe ociosa, a classe do lazer. Sua emergência, pressupõe Veblen (2018, p. 57), é advinda de: “infligir ferimentos por meio da força”, ou seja, da existência de conhecimentos técnicos de caça que façam a comunidade aumentar sua produtividade de modo a alcançar uma liberdade para que alguns indivíduos se vejam livres das atividades diárias para

subsistência. As classes altas, como são chamadas estas classes ociosas, devem obedecer uma série de regras para não serem mal vistas, já que possuem perante a sociedade um papel honorífico. As classes altas estão tradicionalmente isentas ou excluídas das ocupações produtivas, cingindo-se a atividades com um certo prestígio associado. A ocupação mais prestigiada de todas, em qualquer comunidade feudal, é a guerra, e o serviço religioso surge habitualmente em segundo lugar.

Com o passar do tempo ocorre uma emulação dos processos produtivos, a industrialização acaba aumentando cada vez mais a produtividade, aumentando o número de indivíduos que passam a exercer ocupações não produtivas. Estas ocupações não produtivas das classes altas inscrevem-se, grosso modo, nos domínios da governança, das armas, da observância religiosa e do desporto.

Já no estágio predatório, a emulação passa a focar não mais na indústria, mas sim na acumulação. A emulação muda seu rumo e não visa mais apenas a subsistência, mas sim a acumulação de bens pelos indivíduos da comunidade, de modo que o maior ou menor grau de dignidade dessas pessoas passa a ser regido pela quantidade de bens que o mesmo acumula.

O conceito de dignidade, valor ou honra, aplicado a indivíduos ou formas de conduta, tem uma importância essencial no desenvolvimento das classes e das distinções entre classes (VEBLEN, 2018, p. 27)

Segundo Veblen (2018), esta nova forma de emulação foi responsável por disputas de apropriação indevida do excedente inclusive entre comunidades distintas.

Os princípios de emulação pecuniária e de afastamento do trabalho produtivo converteram-se deste modo em cânones de vida, e tornaram-se fatores coercivos de alguma importância na situação a que os homens têm de se adaptar. (VEBLEN, 2018, p. 99)

3.2 EMULAÇÃO PECUNIARIA (CAP.2)

Na sequência da evolução cultural, a emergência de uma classe do lazer coincide com o da propriedade. (VEBLEN, 2018, pg. 30)

Verifica-se que o ato de apropriação de artigos úteis tanto por homens quanto por mulheres para seu uso pessoal se antecede ao barbarismo onde havia o costume de possuir posse de mulheres. Porém, é visto também que apesar de haver a apropriação de bens, não se tinha a noção de pertença pelo indivíduo tomador. No caso das mulheres por exemplo, o que era considerado era sua utilidade como troféu ao se tomar posse da mulher do inimigo.

Com a prática de apossar-se da mulher do inimigo acabam surgindo os "casamento-propriedade", como o chama Veblen. E destes casamentos acaba que se afloram também a coerção e o costume da propriedade que estimulam os homens a estender o conceito de propriedade a bens.

Partindo da propriedade das mulheres, o conceito de propriedade alarga-se e passa a incluir os produtos da atividade destas últimas, e deste modo a propriedade de coisas vem acrescentar-se à propriedade de pessoas. Estabelece-se, então, gradualmente um sistema consistente de propriedade de bens. (VEBLEN, 2018, p. 30)

3.3 LAZER CONSPICUO (CAP.3)

Sobre o lazer, Veblen explica que o mesmo não significa inatividade, mas sim, é o consumo de tempo em atividades não produtivas.

Portanto, ter momentos de lazer considerava-se uma ocupação e das mais leais. Que tem muito em comum com os troféus de proeza. Um indivíduo que pode ocupar seu tempo em atividades de lazer é um indivíduo no olhar da comunidade com mais proeza, mais honorífico do que os indivíduos que trabalhavam com atividades produtivas que eram mal vistas e consideradas não nobres.

Contudo, o lazer no seu sentido restrito, distinto da façanha e de qualquer outro emprego produtivo do esforço em objetos sem utilidade intrínseca, não deixa, por norma, um produto material. (VEBLEN, 2018, p. 38)

Nessa cultura onde quanto mais um indivíduo dedicar suas horas a atividades não produtivas. A impregnação da ideia era tão forte, que muitos indivíduos simplesmente não realizavam mais nenhuma atividade fora das atividades consideradas de lazer. Com isso, os servos eram considerados peças importantes, devido à necessidade que estes senhores do lazer possuíam pelos serviços deles. Veblen, cita dois exemplos, onde a "lavagem cerebral" que o pensamento da época sofreu, levou a acontecer acidentes que poderiam facilmente ser evitados.

O primeiro exemplo diz respeito a um senhor do lazer, que dependia de seu servo para ser movimentado a qualquer lugar que fosse, já que ele se restringia apenas a atividades de cultivo não produtivo. Com isso, um certo dia este senhor se encontrava perto de uma lareira onde estava passando calor e devido a sua restrição de atividades nobres não poderia se movimentar para longe do fogo sem o auxílio de um servo. Dada a ausência de servos no momento do fato, o senhor acabou por morrer torrado ao lado da lareira.

O segundo exemplo, da mesma forma que o anterior, na ausência de seus servos, muitos senhores do lazer morreram de fome por não ter por perto quem lhes levasse os alimentos à boca.

Analisando aos olhos daqueles tempos talvez isso fosse uma causa de morte nobre, mas hoje em dia consegue-se perceber o quão estúpidas foram estas mortes, o quão fácil teria sido evitá-las e a que ponto a importância do papel honorífico dentro da sociedade leva as pessoas a tomarem atitudes cada vez mais irracionais e ilógicas de modo a se auto prejudicarem.

Visto isso, temos que o incentivo à aquisição de propriedade está atrelada a três aspectos principais:

(1) uma propensão para o domínio e a coerção; (2) a utilidade dessas pessoas como indicio de proeza do proprietário; (3) a utilidade dos seus serviços. (VEBLEN, 2018, p. 41)

Frente a estes incentivos temos que os servos eram valorizados, pois como visto anteriormente eles possuem valores de utilidades dos seus serviços.

As mulheres, os escravos e o gado eram valorizados pelo fato de serem uma comprovação de riqueza perante a comunidade. No caso dos escravos ainda há o fato da utilidade de seus serviços.

3.3.1 Criados Domésticos X Criados Particulares

O lazer da senhora condiz no serviço prestado ao senhor para a manutenção da casa, de modo que pouco ou quase nenhuma atividade possui caráter produtivo, no sentido de criar produtos, porém é uma atividade essencial para a comodidade do senhor e da família do senhor.

Com isto surge ainda uma outra classe do lazer derivada da classe da senhora, que é a classe dos servos do senhor, porém os servos específicos que são tidos apenas para atividades de lazer, de modo a provar mais uma vez a riqueza do seu senhor, pela quantidade de servos que possui, de servos não produtivos ao seu sustento apenas para que fiquem refinando cada vez mais seus estudos para servir seu senhor, formando a classe do lazer vicário.

Uma esposa bem educada e servil, assim como um servo eficiente e ágil em suas atividades, demonstrava maior ou menor grau de tempo dedicado ao lazer, o que era avaliado pelos visitantes da casa do senhor demonstrativo de riqueza por poder proporcionar a seus servos de maior ou menor tempo de dedicação a aprimorar seus serviços no tempo estipulado pelo lazer.

É gravemente embaraçoso para um cavalheiro se o seu mordomo ou lacaiio desempenhar as suas funções de serviço de mesa ou de transporte do amo de uma forma inábil, que revele que a sua ocupação habitual possa ser trabalhar nos campos ou guardar rebanhos. (VEBLEN, 2018, p. 44)

Veblen traz a tona então que o modo de vida atual (da época em que ele escreve) torna os membros do agregado familiar, incapazes de realizar todas as atividades domésticas necessária para a subsistência do lar, devido à quantidade de tarefas em atividades para assim dizer, manter um status perante a comunidade. Estas atividades como frequentar clubes, festas, visitas de caridade, deslocamentos de

carros e prática de esportes, assim como cuidados com o vestuário e de consumo conspícuo tomam demasiado tempo e são esgotantes de forma a que as famílias precisem da ajuda de um terceiro, sendo esta a razão para a existência dos empregados domésticos. Ainda que o contato social com os empregados seja desagradável, as famílias se submetem a este encontro por precisarem de seus serviços.

A maior manifestação de lazer vicário na vida moderna é constituída pelos chamados deveres domésticos. Estes deveres estão rapidamente a tornar-se uma espécie de serviços prestados não tanto para benefício do chefe do agregado como para a respeitabilidade da família, encarada como uma unidade corporativa – um grupo de que a dona de casa faz parte numa ostensiva posição de igualdade. (VEBLEN, 2018, p. 46)

Portanto, a medida que aquela antiga base de casamento-propriedade vai caindo por terra, os afazeres domésticos da mulher deixam de ser lazer vicário, já que a mesma e os demais familiares irão usufruir também de suas atividades diferente do que acontecia antigamente onde a mulher trabalhava para o usufruto apenas de seu senhor. Permanecendo como lazer vicário apenas aquelas atividades exercidas por pessoal contratado.

Isto equivale a dizer que, sendo o lazer vicário possível apenas numa base de estatuto ou serviço contratado, o desaparecimento da relação de estatuto num qualquer ponto da interação humana leva ao desaparecimento do lazer vicário no que diz respeito a essa parte da vida. (VEBLEN, 2018, p. 46)

3.4 CONSUMO CONSPICUO (CAP.4)

Em poucas palavras, o consumo conspícuo nada mais é, do que o consumo com fins se ser notado, um tipo de consumo que não é essencial a vida, não é para a manutenção de sua subsistência mas sim, de caráter ostentatório.

A medida que o lazer e o consumo conspícuo vão crescendo, vemos que ambos possuem um propósito em comum: demonstrar posse de riqueza. E esta

riqueza é demonstrada no lazer pelo desperdício de tempo e esforço e no consumo conspícuo, pelo desperdício de bens, onde ambos são aceitos como equivalentes.

Verifica-se que o uso de um ou de outro é definido pela conveniência. Em comunidades ou grupos sociais pequenos ambos são convenientes pois a notoriedade compreende a esfera de relações pessoais e rumores da vizinhança.

Cada um deles será, portanto, igualmente eficaz nos primeiros estádios da evolução social. (VEBLEN, 2018, p. 53)

Mas, a medida que o círculo social se torna mais vasto. Torna-se mais eficiente a demonstração de riqueza por meio de bens de consumo, onde através dos meios de comunicação, os indivíduos poderão expor e ostentar de suas posses, que serão em maior ou menor quantidade, a um número infinitamente maior de pessoas que não possuem vínculo e que poderão julgar através da quantidade e qualidade dos bens que o mesmo possuir, assim como através da educação, quando em observância direta e geralmente acontece no estágio econômico pacífico.

Veblen observa ainda, que em certas ocasiões, nem os vizinhos são ao certo vizinhos do ponto de vista social, muitas vezes os vizinhos não se conhecem. Assim como em alguns eventos sociais como igrejas, teatros, salões de baile, hotéis, parques, lojas e outros, onde as pessoas não se conhecem e é necessário então, provar o poder pecuniário através da demonstração da capacidade de pagar.

Dito isso, Veblen afirma que parece claro que com o passar dos tempos a tendência seja para uma preferência no consumo de bens de modo conspícuo ao lazer, nas demonstrações de poder pecuniário. Bem como, as zonas urbanas consomem com mais afinco do que as rurais, dado o alargamento do contato social e do fato de gozar de maior mobilidade. Por esse motivo, verifica-se que a vestimenta da família de um agricultor, por exemplo, é mais defasada da moda, do que a da família de um artesão da cidade, que possui a mesma renda. Simplesmente porque a provocação de transição, assim como sua utilidade são maiores quanto mais exposição social.

Desta forma, as famílias que residem nas grandes cidades sentem sua

respeitabilidade ameaçada pela forma como consomem.

O padrão de respeitabilidade é mais elevado de classe para classe, e este requisito de aparência respeitável tem de ser cumprido, sob pena de se perder estatuto. (VEBLEN, 2018, p. 54)

No campo, o consumo conspícuo é relacionado a poupanças e comodidades domésticas. Como todos tem conhecimento da vida um do outro, possuir poupança é uma forma de demonstrar riqueza.

Já no caso do artesão, por exemplo, de nada serve possuir poupança, pois esta será uma informação pouco notória que não terá utilidade de modo a demonstrar riqueza perante a cidade, por este motivo mais uma vez o consumo de bens se faz tão importante.

Para Veblen, há uma tendência humana para a ostentação, que reforçada com sentimentos de companheirismo, levam os indivíduos a gastarem livremente, das formas que melhor servem estas necessidades.

Realizando um adendo para a nossa época atual, pode-se verificar esta situação hoje em dia, quando, por exemplo, algumas figuras sociais como cantores, modelos ou jogadores de futebol, realizam doações que são formas de ajudar, porém sempre reforçando a força de seu poder pecuniário. E é por este motivo, que as figuras sociais são as que mais gastam com consumo conspícuo, já que atraem a atenção de milhares de pessoas no mundo todo.

No exemplo de Veblen, o que ele cita são os tipógrafos, que eram os comunicadores da época, como os indivíduos que se destacam com maior propensão a consumir frente à categoria de outros trabalhadores, visto que na época, os mesmos possuíam grande interação social com facilidade de movimento e caráter transitório nas relações humanas.

Mas, em última análise, o fundamento desta grande necessidade de esbanjamento não é outro senão aquela mesma tendência para uma manifestação de domínio e respeitabilidade pecuniária que torna o pequeno proprietário de terras parcimonioso e frugal, e que induz o milionário americano a fundar instituições de ensino superior, hospitais e museus. (VEBLEN, 2018, p. 54)

Como visto, anteriormente a prova de riqueza, proeza e poder era dada através do lazer, com o tempo o consumo de bens substitui equivalentemente esta comprovação. Mas esta equivalência e mais tarde substituição do lazer pelos bens de consumo não aconteceu só porque sim, mas foi um processo que a própria cultura, os cânones construídos que referiam a maior respeitabilidade aos senhores que se provavam dos trabalhos produtivos, acabou criando uma classe de senhores do lazer empobrecidos, que nem mesmo o aumento da produção escrava deu conta de suprir, com a demanda mais alta do que a quantidade de bens produzidos. Tornando assim, aos poucos, o fato de trabalhar e produzir bens, uma atividade necessária, portanto de valor para a sociedade num novo molde de consumo onde o instinto de trabalho eficaz afirmou-se com força.

[...] quando o estádio quase-pacífico (com a escravidão e o estatuto) dá lugar ao estádio pacífico da produção (com o trabalho assalariado e o pagamento em dinheiro), o instinto assume um papel mais efetivo. (VEBLEN, 2018, p. 56)

O lazer torna-se malvisto, registra-se uma mudança no lazer conspícuo, de modo a que há muito movimento e muita conversa, atividades de faz-de-conta da ocupação útil.

Da mesma forma no lazer vicário, agora a mulher ao invés de ficar ociosa para demonstrar riqueza, entrega-se de assiduamente às atividades domésticas, pois agora, ela continua respeitando o padrão de desperdício conspícuo, que antes era de tempo e agora passa a ser de bens.

O autor cogita a ideia ainda de comparação discriminatória sobre outros graus de opulência, como: manifestação de força moral, física, intelectual ou estética. Porém, estas distinções estão tão indissociavelmente ligadas à questão pecuniária que mal podem distinguir.

3.5 O PADRÃO DE VIDA PECUNIÁRIO (CAP.5)

Para Veblen, o motivo imediato pelo qual as pessoas consomem além do necessário para sua subsistência, nada mais é do que um desejo. Este desejo é alimentado pela quantidade ou nos graus, ou seja, maior ou menor valor pecuniário, dos bens que conseguir consumir.

O padrão de consumo não seria então rígido, invariável ou imperativo, mas sim, um padrão flexível, onde enquanto houver tempo para que o indivíduo se acostume com o grau dos bens que possui, de forma que almeje subir de grau, somado com a capacidade pecuniária de aquisição, o consumo possui sua escala alargada infinitamente.

Verifica-se que as pessoas sofrem muito mais com a diminuição de padrão de vida no sentido de adaptação do que quando o padrão aumenta e a escala de consumo é alargada. Deste modo, sempre que houver um aumento na capacidade pecuniária, o indivíduo logo pensará em gastar mais com o consumo conspícuo, essa é a natureza. Em poucos casos esta regra não acontece e quando este comportamento é visto pela sociedade com estranheza e aqueles que não consomem são conotados com uma atitude indigna de avareza.

O padrão de consumo que guia o esforço pessoal, é sempre um padrão acima do que o indivíduo se encontra, porém próximo do padrão atual. Este padrão pouco acima do atual, é algo racional, que pode ser adquirido facilmente com um pouco de esforço.

O motivo que leva a querer sempre estar em melhor grau é a emulação, que é o desejo de se destacar perante os demais que fazem parte da mesma classe.

É justamente por este motivo, que o ser humano nunca está de acordo com a posição em que está, por algum tempo, assim que lograr alcançar uma determinada classe ele se sentirá satisfeito. Mas passado algum tempo este indivíduo irá se acostumar com sua classe e desejará emular.

Trata-se, em larga medida, da mesma proposição expressa na observação comum de que cada classe inveja e emula a classe imediatamente acima de si na escala social, raramente se comparando com os que estão mais abaixo ou com os que estão bastante mais acima. (VEBLEN, 2018, p. 59)

Sendo assim, todos os cânones de respeitabilidade e decência, consideram os costumes e hábitos das classes cujo poder pecuniário seja mais elevado, onde é referência a classe do lazer.

Esta classe ditará também o que será considerado como honorífico ou respeitável e precisa ser o exemplo, demonstrando através do consumo o modelo ideal de classe do lazer.

Os cânones da despesa determinarão o padrão de vida da comunidade, que por sua vez determinarão as formas que o consumo honorífico tomarão.

Ainda que a tendência seja emular, há certos momentos na vida em que é preciso recuar, e esta diminuição no consumo possui como efeito colateral uma dificuldade de aceitação. A relutância para a diminuição ou corte total de determinado bem aumenta quando o mesmo é considerado um bem essencial à vida.

Os bens essenciais à vida são os últimos a serem cortados da lista quando se trata de uma recessão de consumo. Ainda que haja o forte desejo de destacar-se, emular e estar sempre a frente da classe atual em que se encontra, o ser humano é movido por hábitos da natureza humana que lhes dão a noção do que é mais ou menos importante num momento de crise.

Cada ser irá ter sua resposta de adaptação, alguns serão mais relutantes a cortes no nível de consumo, já outros serão mais complacentes. Não é apenas a habituação que determina estas diferenças, mas também algumas observações como temperamento herdados, temperamento próprio e etnia.

A profunda influência das idiosincrasias de aptidão na formação rápida e decisiva do hábito nos indivíduos é ilustrada pela extrema facilidade com que o prevalecente hábito do alcoolismo por vezes se desenvolve; ou pela idêntica facilidade e pela igualmente inevitável formação de um hábito de observância religiosa no caso de pessoas especialmente vocacionadas para este domínio. E o mesmo se traduz naquela peculiar facilidade de habituação a um ambiente humano específico a que chamamos amor romântico. (VEBLEN, 2018, p. 61)

As aptidões acima citadas, vem da propensão à emulação, representando traços dominantes da natureza humana.

Portanto, sempre que houver uma possibilidade de emulação, devido ao aumento da fonte pecuniária, o consumo conspícuo fará parte da reformulação do novo padrão de consumo, este agora, que será mais elevado, é claro.

Seguindo o instinto pela sobrevivência, a propensão é o segundo maior motivo econômico. Nas comunidades produtivas, a emulação é uma emulação pecuniária. E apresenta-se na demonstração de capacidade de desperdício conspícuo.

Segundo Veblen, o consumo se dará no nível máximo que a possibilidade pecuniária o permitir. Tendo em vista que o maior consumo conspícuo demonstra maior honrosidade, no trabalho dos homens é considerado então o retorno pecuniário. Assim as atividades de lazer deixam de ser demonstrativos de proeza, dado que não fornecem poder de consumo e acabam por ser desencorajadas. E então o consumo passa a ser direcionado conforme o público de espectadores que se deseja atingir. As aptidões que não correspondem a um consumo honorífico caem em desuso.

3.6 CANONES PECUNIARIOS DO GOSTO (CAP.6)

Apesar de anteriormente ter-se dito que a norma reguladora do consumo é o consumo conspícuo, isto não quer dizer que seja o único motivo. O consumo se dá pelo desejo do consumidor de obedecer os cânones no que diz respeito à espécie, quantidade e categoria dos bens consumidos. Toda esta preocupação com o consumo e desperdício conspícuo é resultado de uma força coercitiva direta onde o medo de perder a honrosidade perante o olhar alheio que o observa e julga sua classe pela demonstração de capacidade de aquisição.

Porém, não é somente da manutenção das aparências que o ser humano vive, um grande valor pecuniário, apenas para a manter sua subsistência e um mínimo de conforto. Neste caso temos como exemplo a aquisição de peças íntimas, ou alimentos para as refeições na residência.

O princípio do desperdício conspícuo tem o poder de influenciar alguns cânones que não são diretamente pecuniários. Isto porque ele exerce influência

sobre a forma de pensamento e dos hábitos. Desta maneira é capaz de afetar o sentido de dever, estético, de utilidade e até mesmo devocional ou ritualístico.

Observa-se através dos cânones da moral e principalmente em comunidade modernas, que um dos códigos de moral é a inviolabilidade da propriedade privada.

Não é necessário recorrer à insistência ou à ilustração para obter acordo relativamente à proposição de que o hábito de manter a propriedade privada inviolada é permeado pelo hábito de procurar riqueza para alcançar a boa reputação que se obtém através do consumo conspícuo. (VEBLEN, 2018, p. 64)

Com isto, o que se obtém é que em certas situações, aconteçam algumas injustiças, ao meu modo de ver.

A importância de se adquirir riqueza para a obtenção da propriedade privada é tão moralmente considerada digna. Que ao serem julgados dois criminosos, um na posição de grande vigarista que fatura milhões e outro um pequeno ladrão. Primeiramente, o vigarista terá maiores condições para se safar e pagar suas penas com a lei. Segundo que o vigarista por cometer os crimes alegando a necessidade digna de possuir um lar, possui uma consideração de ato honorífico que desqualifica o teor do crime. Ainda mais se o mesmo provar que sua esposa vem de uma família de status elevado e que está sofrendo com a queda da qualidade de vida por assim dizer.

[...] talvez não seja despropositado observar que todo aquele corpo de moral em torno do conceito de uma propriedade inviolável é, em si mesmo, um precipitado psicológico do tradicional mérito da riqueza. E será de acrescentar que essa riqueza considerada inviolável é valorizada, antes de mais, pela boa reputação que se pode obter através do seu consumo conspícuo. (VEBLEN, 2018, p. 65)

O cânone do desperdício conspícuo é também responsável por grande parte do consumo religioso. Para demonstrar respeito e admiração os templos precisam ser grandiosos e luxuosos, devem mostrar que não se economiza para agradar sua divindade. O mesmo é sempre representado como uma figura com muito ouro, pedras preciosas e riquezas. É uma questão de honra gastar com decorações e

grandes construções. Também entra aqui a questão do vestuário sagrado que deve representar um grande investimento.

E não é necessária grande observação ou introspeção – e qualquer das duas se presta ao efeito – para percebermos que o esplendor dispendioso do templo produz um efeito animador e calmante no estado de espírito do crente. (VEBLEN, 2018, p. 65)

Nos cultos os observadores são rigorosos, há um sentimento de vergonha em qualquer indício de indigência ou imundice, assim como o fato de não vestir acessórios de teor pecuniário acima de qualquer censura.

A medida que o culto amadurece, a preparação do mesmo vai se tornando maquinal. Este serviço maquinal é importante porque exime os servos do senhor de realizarem as tarefas de manipulação de forma a tornar estes servos improdutivos, o que é algo nobre e é um demonstrativo de maior riqueza de seu senhor. Da mesma maneira, os servidores sacerdotais devem se eximir do trabalho produtivo dentro do santuário e dedicar-se apenas à devoção de seu senhor para mostrar respeito e maior riqueza de todo o aparato, e é este o motivo pelo qual nos feriados religiosos o costume é o de não realizar nenhum trabalho manual, de modo a exaltar a divindade nestes dias. Os fiéis mais distantes e laicos também devem abster-se de trabalhar e entregar-se ao lazer vicário de um dia a cada sete.

Desta forma verifica-se que mesmo indiretamente, os cânones pecuniários, modificam e influenciam os cânones religiosos ao longo da história. Da mesma maneira, estes cânones pecuniários modificaram e modificam os cânones referentes também à estética, e do sentido da beleza. Os artigos preferido no consumo com beleza e estética, sempre são aqueles que representam um maior dispêndio e esbanjamento pecuniário.

3.6.1 Exemplo da colher

Veblen cita este exemplo como forma de perceber a distorção que há no sentido do belo.

No exemplo da colher ele cita duas colheres, realizadas de forma diferente. A

primeira colher teria sido fabricada de forma manual. A segunda teria sido feita a máquina. Ambas vão servir ao mesmo propósito, porém sua utilidade será ponderada levando em conta sua beleza. Na noção de beleza uma colher feita a mão e com lindos detalhes é mais valiosa, pois ela além de sua função também alimentará o gosto pelo belo, por assim dizer pelas artes que nela se encontram, mesmo, sendo esta colher artesanal menos adaptada do para sua função principal do que a colher feita a máquina. A colher feita a máquina apesar de ser do mesmo material ou mesmo que de outro será desvalorizada pois cumpre apenas a sua função grosseira, levar comida à boca, sem possuir outras qualidades que remetem ao lazer. Esta noção do belo pode sofrer facilmente uma alteração em casos em que, por exemplo, seja descoberto que a colher feita a mão na verdade é uma réplica. Apesar de sua perfeita apresentação o valor desta decairá tanto que passará a ser considerada até mesmo menos bela do que a colher feita a máquina. Nos casos em que a suposta colher revelasse uma réplica, em que um olho menos treinado conseguisse identificar, a sua utilidade e a satisfação do consumidor declinará de oitenta por cento pra cima. Mas no caso de uma réplica quase que perfeita, onde a aparência não difere e possa apenas ser percebido pela cor, dificilmente a colher feita a máquina irá ganhar valor, assim como não irá aumentar a satisfação do sentido do belo de quem a consome a menos que demonstre alguma novidade.

A gratificação superior que advém do uso e da contemplação de produtos caros e supostamente belos é muitas vezes uma gratificação do nosso sentido do dispendioso a coberto do nome de belo. (VEBLEN, 2018, p. 68)

Agradam enquanto marcas de um custo honorífico, e o prazer que nos proporcionam por esse motivo funde-se com o prazer proporcionado pela forma e cor do objeto – de tal modo que muitas vezes declara-se que um artigo de vestuário, por exemplo, é «muito bonito», quando a análise do valor estético do artigo deveria levar a dizer que ele é pecuniariamente honorífico.

Veblen cita então a questão da vestimenta e a confusão que fazemos ao diferir o custo do belo. No vestuário existe a moda, que de tempos em tempos muda a combinação de cores, tecidos e estilos. Quando uma roupa não está na moda, as

peças tendem a julgar como uma peça inferior e por não pertencer à moda é menos custosa. Dessa forma, os olhos crêem ver uma peça com pouca ou nenhuma beleza, criando o sentimento de que aquela peça não lhe satisfaz. Acontece que pode que os tempos mudem e agora esta peça seja a do momento, é então que seu valor pecuniário irá para as alturas, e que os olhos ao mesmo tempo dirão numa nova ilusão, um faz-de-conta que o observador acha a peça bela, quando na verdade subjetivamente o que ele vê é a importância que os demais irão julgar pelo custo de suas vestes.

Veblen afirma que ao habituar-se a apreciar o belo como sinônimo de marcas e de valor pecuniário, um objeto que de fato seja belo deixará de ser considerado, pois procura-se antes de tudo a respeitabilidade que o mesmo representa. Dá como exemplo as flores, onde certas espécies de flores lindas foram classificadas como ervas ofensivas. Flores facilmente cultiváveis são admiradas como belas pela classe media-baixa, porém pela classe que possui condição pecuniária para flores mais caras, estas espécies de fácil cultivos são tratadas como vulgares.

Todas estas variações e muitas outras como gosto da mobília, das casas, dos parques e jardins são encontradas a cada classe social. Trata-se não apenas de uma implantação de ideia geral do que é aceito como belo, mas de um enquadramento de subdivisão social, onde há uma serie de coisas que representam o belo para determinada classe em que o individuo se encontre e que o mesmo reconhecendo que faz parte de sua classe deve considerar belo então. Assim como para algumas classes os mesmos objetos possam deixar de ser belos conforme aumenta a capacidade pecuniária. É uma tradição em que deve-se seguir o código que rege cada classe para não perder a reputação e acabar saindo do patamar pecuniário da classe.

Outra observação de como o código de beleza cotidiana afeta nossa percepção, é o fato do ser humano admirar a natureza, mas preferir por uma jardim podado do que o formato natural da relva, como é o caso dos ocidentais. Isto se deve ao fato de representar intervenção pecuniária.

O pasto aparado não demonstra pasto de trabalho, mas de apreciação de campos. E o fato de o campo possuir vacas, faz deste pasto menos valorizado do que se tivessem veados, antílopes, ou qualquer animal exótico. pois um campo com vacas é um lugar produtivo. Já um campo com antílopes é um lugar onde não existe

o trabalho, mesmo estes animais não contribuindo com nada eles serão preferidos por serem mais caros e mais fúteis.

Com o passar do tempo, um aumento na mobilidade das classes altas e médias foi acontecendo, e com isto, os indivíduos que agiam separadamente começam a se juntar e a conversar a respeito de seus gostos. É então que surge uma nova forma de pensar e de ver o belo, onde artigos grosseiramente úteis, a natureza e o rústico passa a ser admirado e valorizado pelas classes de mais alta pecúnia. Ainda assim, a admiração do belo mesmo que este seja natural, não deixa de ser ponderada pela beleza pecuniária.

O padrão de beleza pecuniária existe também para os animais. Assim como a vaca, citada anteriormente, animais como é o caso de aves de capoeira, porcos, vacas, ovelhas, cabras, cavalos de tração, não são considerados belos, por serem animais produtivos.

Já os animais domésticos como pombos, papagaios e outros pássaros, bem como, gatos, cães e cavalos rápidos são considerados belos pois são fúteis e demonstram como o seu dono possui poder pecuniário devido a sustentar animais improdutivos. Quanto menos dispendioso o animal for, menos belo. Tanto no caso dos animais quanto no das pessoas, a questão do dispêndio conspícuo percebe-se porém mais distante. Isto porque se é analisada a utilidade pelo ponto de vista da serventia que o mesmo é capaz de fornecer, e não do ponto de vista da quantidade mas sim da qualidade dos seres.

É devido a esta análise, que ainda dentro de cada classe de animal existe uma diferenciação por raça. Os cavalos rápidos, de corrida, por exemplo. São considerados mais belos do que os cavalos tradicionais. Isto porque os mesmos além de demonstrarem o desperdício conspícuo que se tem com o trato destas raças mais nobres também são muito úteis a seus donos lhes proporcionando rapidez e agilidade em viagens, assim como comodidade por possuírem treinamento postural e da maneira de sentar, como é o caso do cavalo inglês. E esta diferenciação acontece também com as raças de cachorros e de outros animais também.

Estes cânones determinam também a beleza feminina, onde uma mulher bela é definida como uma mulher de corpo robusto e de membros fortes. Tem primeiramente avaliado o corpo e só depois o rosto. Como exemplo cita as raparigas

dos poemas homéricos.

Com o desenvolvimento este ideal sofre mudanças e então passa a ser valorizado o ideal de beleza romântico, que foca mais para o rosto e alguns traços sutis da mulher como mãos e pés delicados e cintura fina.

E assim ao decorrer da história a percepção do ideal de beleza feminina foi mudando, sempre sendo influenciado pelas condições de emulação pecuniária.

A cintura espartilhada assim como o enfaixamento dos pés pelas chinesas em busca de enquadrar-se nos cânones da beleza são apenas dois exemplos de mutilação do corpo que ocorreram e ocorrem para satisfazer estes ideais fundamentados pela cultura da economia pecuniária.

Desta forma, Veblen conclui que esta cultura pecuniária está tão impregnada no ser, que automaticamente realizamos o julgamento de que "tudo que é barato não presta", e tomamos este pensamento como verdade.

A mão de obra de qualidade é outro fator além do valor pecuniário que é considerado, porém o valor pecuniário sempre será exaltado.

3.7 O VESTUÁRIO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA PECUNIÁRIA (CAP.7)

O desperdício conspícuo atua fortemente no vestuário das pessoas. Há muitas outras formas de demonstração pecuniária mas, a do vestuário é uma forma de demonstrar publicamente e a todos os olhares que conhecendo ou não o indivíduo que possua a veste, conseguirá identificar a classe e o nível pecuniário do mesmo.

Nas despesas admitidas como exibição, o gasto com as vestes são as mais presentes. Por caracterizar-se como demonstrativo de poder pecuniário a primeira vista, este representa um nível de respeitabilidade perante a comunidade. É possível reconhecer os graus de classes mais carentes somente observando suas vestes. O vestuário faz as pessoas se submeterem a privações de consumo com outros bens com o intuito de manter a aparência.

A lei do desperdício conspícuo atua moldando os cânones da beleza. Ao moldar estes cânones faz com que os indivíduos não consumam apenas porque

precisam de vestes para proteger o corpo, ou porque precisam consumir conforme o padrão estabelecido por sua classe, mas também, pelo fato de ter enraizado a ideia de que tudo o que não for caro é odioso, como por exemplo, a ideia de que “um casaco vulgar torna um homem vulgar”, ou a ideia de que “o que é barato não presta”.

Assim, entramos novamente na questão da beleza pecuniária, onde as vestes serão consideradas belas ou não conforme seu padrão de custo pecuniário e isto irá variar conforme os cânones o fizerem. Moda ditará o que é belo no momento e os valores se ajustarão para que os artefatos que se enquadrarem na moda sofrerão um reajuste de valor tornando-se mais custosos e ao mesmo tempo desejados por tornarem-se assim, mais honoríficos.

O fato de demonstrar através do vestuário a capacidade de consumo é muito importante. Porém se esta demonstração se aliar a possibilidade de demonstrar também com as vestes que o indivíduo que as utiliza não se submete, por assim dizer, a trabalhos produtivos, a onerosidade destas vestes faz o seu dono ser entendido como ainda mais rico.

Nenhum vestuário com indicio de trabalho manual, sujeira ou desgaste será considerado elegante ou decente. As vestes devem estar sempre limpas e impecáveis se quiser agradar à proeza, de forma a que passe a idéia de que quem a usa tem suas atividades voltadas para o lazer.

No vestuário das mulheres há ainda mais diretrizes para mostrar. As vestes femininas possuem alguns itens que consideram aquela que usa com maior nível de proeza. Chapéus elegantes e que tornam ainda mais impossível do que a cartola o trabalho, assim como o salto alto e fino que torna qualquer atividade produtiva muito complicada, a saia que limita os movimentos das mulher e o cabelo muito comprido. Estes artigos demonstram portanto que aquela que usufrui possui suas atividades voltadas para o lazer.

Tem-se como norma do vestuário então, que o mesmo deve demonstrar consumo e desperdício conspícuo e deve respeitar os cânones de beleza do momento, a moda. Veblen, diz que não há uma explicação para a mudança da moda de tempos em tempos, porém por ter esse fenômeno de mudança, faz com que quem consiga acompanhar o consumo com o padrão da moda esbanje capacidade de consumo pecuniário.

Mas também ocorre que certas peças nunca saem de moda, e para isto Veblen tem uma explicação:

[...] o vestuário estável, que resiste ao tempo e à mudança de perspectiva, surge em circunstâncias em que a norma do consumo conspícuo se afirma de modo menos imperativo do que nas grandes cidades civilizadas modernas, cuja população abastada e com relativa mobilidade dita o ritmo no que respeita à moda. (VEBLEN, 2018, p. 85)

Pode-se considerar desta forma, que o consumo de vestuário e as mudanças de moda possuem menor força em economias voltadas ao princípio do lazer conspícuo do que economias ao consumo conspícuo de bens.

3.8 AFASTAMENTO DO TRABALHO PRODUTIVO E CONSERVADORISMO (CAP.8)

A vida é uma luta pela existência que consiste em constante adaptação seletiva. O progresso alcançado nas instituições humanas se deve a esta seleção natural daqueles que possuem hábitos de pensamentos mais alinhados com os diversos cânones de atitude e aptidões espirituais.

As instituições sofrem mudanças de forma a selecionar novas levas de indivíduos aptos aos novos hábitos estipulados. As forças que levam a estas mudanças possuem um ambiente em parte humano, em parte não humano e um sujeito de constituição física e intelectual. Um tipo de seletividade diz respeito à preservação dos grupos étnicos, que possuem características específicas de caráter e de estrutura do corpo. Além destes aspectos é importante ressaltar que tão significativo quanto é a questão da adaptação seletiva de hábitos de pensamentos.

As situações de hoje moldam o amanhã e é por este motivo que as instituições estão em constante mudança. Por este motivo a natureza do processo de seletividade não consegue acompanhar a situação presente do momento vivido.

Quando é dado um passo no desenvolvimento, esse passo constitui uma mudança de situação, que requer uma nova adaptação; torna-se o ponto de partida para um novo passo no ajustamento, e assim por diante. (VEBLEN, 2018, p.91)

Dado que as instituições são moldadas a partir de hábitos passados, e que mesmo assim se insista na sua aceitação apesar de não estarem adaptadas às circunstâncias atuais, podemos dizer que estas instituições, estes hábitos de pensamento, são um fator conservador em si próprios. Assim tendo uma inércia social e psicológica.

Com a evolução da sociedade e a pressão das circunstâncias, os indivíduos deixam de se conformar com hábitos de pensamento do passado. O progresso social, segundo a teoria econômica, consiste num reajuste de aproximação dos ajustes de relações internas e externas. Estes reajustes ocorrem como estímulo a uma pressão externa.

A liberdade e a facilidade do reajustamento, isto é, a capacidade para o crescimento na estrutura social, depende, assim, de modo significativo, do grau de liberdade com que a situação num dado momento atua sobre os membros individuais da comunidade – o grau de exposição dos membros individuais às forças constringedoras do meio. (VEBLEN, 2018, p. 91)

A parte da sociedade, ou classe que estiver protegida da ação do meio, tardará a adaptar seus hábitos. Desta forma, a classe do lazer, que é uma classe protegida no âmbito econômico. Irá contribuir para o retardamento dos ajustes.

A vida é em grupo, e estes grupos possuem indivíduos. As mudanças decorrem de consenso entre todos os indivíduos do grupo, esta mudança não é uniforme, poderá ser melhor para a maioria mas, irá resultar numa diminuição de facilidade para alguns membros do grupo.

As forças que contam para o reajustamento da forma de vida é de caráter econômico. Isto porque a pressão exercida ao grupo de uma comunidade produtiva será de caráter externo e pecuniário.

Pelo fato da classe do lazer ser protegida, ela não sofre tanto com as circunstâncias como as demais classes. Por este motivo não se empenha em mudar seus hábitos e retarda o processo de desenvolvimento, sendo considerada a classe conservadora.

É sabido que o retrocesso, a volta a um ponto de vista do passado é mais fácil do que a adaptação ao novo, e é assim que a classe do lazer age, demorando para se adaptar. Um exemplo é a tendência ao estado quase-pacífico que classes

protegidas possuem e que as levam constantemente à regressão social.

A oposição da classe do lazer a inovações é instintiva e não material. É a repulsa que todos os homens tem da mudança e que só é possível mudar com base em pressão maior das circunstâncias.

Os membros da classe abastada não cedem à exigência de inovação tão prontamente como outros homens porque não se sentem constrangidos a fazê-lo. (VEBLEN, 2018, p. 94)

O conservadorismo passa então a representar as classes mais abastadas, de forma que a inovação passa a ser considerado um fenômeno vulgar, das classes baixas e deselegante.

É por este motivo que algumas inovações são tão difíceis de serem aceitas, como exemplo: a supressão da família monogâmica, ou do sistema agnático de consanguinidade, ou da propriedade privada, ou da fé teísta, em qualquer país da civilização ocidental; ou supor a supressão da veneração dos antepassados na China, ou do sistema de castas na Índia, ou da escravatura em África, ou o estabelecimento da igualdade entre os sexos em países islâmicos.

Em síntese, a aversão à mudança, nada mais é do que a aversão ao incômodo que a reestruturação do modo de vida traz consigo no que tange à adaptação. E este incômodo que é sentido por qualquer indivíduo faz com que não somente a classe do lazer mas também aqueles indivíduos muito pobres também passem a ser conservadores.

Os abjetamente pobres, e todas aquelas pessoas cujas energias são inteiramente absorvidas pela luta diária pela subsistência, são conservadores porque não podem permitir-se o esforço de pensar no dia de amanhã, assim como os muito prósperos são conservadores porque têm raras ocasiões para se sentirem descontentes com a situação tal como ela é hoje. (VEBLEN, 2018, p. 95)

A instituição de uma classe do lazer funciona retirando a energia das classes baixas com o esgotamento mental e físico de forma que o mesmo não tenha disposição para aceitar ou criar inovações.

A relação da classe do lazer (isto é, a classe proprietária e não produtiva) com o processo económico é uma relação pecuniária – uma relação de aquisição, não de produção; de exploração, não de utilidade. (VEBLEN, 2018, p. 97)

Veblen prevê, por fim, a redução das rotinas e até mesmo o afastamento do padrão da indústria, com a substituição pela forma de sociedade anônima, que ele classifica como "desprovida de alma" como melhorias realizadas em prol das instituições modernas influenciadas pela classe do lazer.

3.9 A PRESERVAÇÃO DE TRAÇOS ARCAICOS (CAP.9)

A classe do lazer impacta não somente a estrutura social mas, também, o caráter do indivíduo. A medida que um ponto de vista é aceito, este passa a moldar o caráter dos integrantes da comunidade.

Estes pontos de vista irão mudar os hábitos de pensamento e vigiar as inclinações e aptidões dos mesmos que é verificada através da adaptação educativa e coercitiva que irá filtrar e separar os indivíduos que possuem o perfil dos que se verificarão como inatos.

Os princípios da emulação pecuniária tomam força de tal modo a tornar-se cânones da vida, onde aqueles que não conseguem se adaptar sofrem repreensão, e os que conseguem são coagidos a uma vida de consumo irracional.

Os princípios canônicos que são: consumo conspícuo e afastamento do trabalho produtivo, afetam o desenvolvimento da comunidade dado que afetam a forma de pensar de seus indivíduos, dificultando o desenvolvimento de instituições e controlando o temperamento dos indivíduos que passam a viver num estado não reacionário, isto retarda o processo de desenvolvimento também.

Há porém, um fato que faz a evolução social correr em direção ao desenvolvimento, é a força das circunstâncias. Apesar de toda a pressão dos cânones quanto ao modo de ver e agir sobre os aspectos da vida, a pressão das circunstâncias pode afetar de grande forma o modo de pensar destes indivíduos que se vêm submetidos a tomar decisões fora do padrão estabelecido pelas diretrizes de forma de vida aceita para poder garantir sua subsistência.

Ao longo do tempo o processo de desenvolvimento acabou por gerar diversos tipos étnicos, onde cada um carrega hábitos de pensamento e carácter diferente. Esta bagagem influencia nos indivíduos atuais, seus antepassados são um refúgio imediato em caso de retrocesso do desenvolvimento por possuírem uma adaptação quase que natural. A adaptação se dá para um passado não muito distante, o chamado presente hereditário.

Desta maneira, o homem do presente hereditário é ligeiramente arcaico no que diz respeito à vida levando em conta interesses da comunidade. Mas quando o homem moderno sofre alguma situação que o faça retroceder, este habilmente irá adaptar-se ao processo arcaico.

A variante do homem do presente é bárbara e aristocrática. Ainda assim esta variante não foi capaz de homogeneizar seu tipo nas épocas em que passou, tanto na fase predatório quanto na quase pacífica. Existem variações da natureza humana bárbara e isto se deve ao fato do temperamento predatório não ser capaz de se manter frente ao modo de produção moderno.

A variante pacífica é verificada no modo de vida dos homens que viviam nos estágios mais primitivos. Nestes homens verifica-se um temperamento pacífico que não sofria com a necessidade da emulação, da competição e não era assim impulsionado ao carácter predatório. Esse estágio assinala o início do desenvolvimento social. Neste estágio é verificado também o sentimento de solidariedade. Estes sentimentos são encontrados nos homens atuais de cultura predatória, porém foram passados em segundo plano.

Entre os traços que foram herdados na transição para a cultura predatória podemos citar a solidariedade, o sentido de honestidade, o instinto de trabalho eficaz e a honestidade, estes traços são chamados de consciência.

Em qualquer fase conhecida da cultura, que não a suposta fase inicial de que aqui falamos, as virtudes do bom carácter, da equidade e da solidariedade indiscriminada não trazem benefícios significativos à existência do indivíduo. A posse destas qualidades talvez sirva para proteger o indivíduo de maus-tratos às mãos de uma maioria que insiste numa porção destes ingredientes no seu ideal de um homem normal; mas à parte o seu efeito indireto e negativo sob este aspeto, o indivíduo tem melhores hipóteses no regime de competição se tiver estas qualidades em menor grau. (VEBLEN, 2018, p.103)

Os sentimentos pacíficos foram passados hereditariamente. Porém na seleção dos mais aptos para a sobrevivência no regime de estatuto sobraram aqueles cuja disposição para a ferocidade, o egoísmo, o espírito de clã e a dissimulação reinava em seus traços.

Com a evolução das comunidades produtivas o interesse da comunidade deixa de ser coincidir com o interesse emulativo do indivíduo. As comunidades deixam de discutir entre si. O indivíduo possui importância pela sua comunidade enquanto sua eficiência produtiva. Neste interesse coletivo hábitos e temperamentos pacíficos são essenciais para uma comunidade bem-sucedida. Diferentemente do regime de emulação, neste, os membros de produção da comunidade não são rivais.

Deste modo, as instituições podem ser separadas em duas: as pecuniárias e as produtivas.

Todas as classes se encontram, em alguma medida, envolvidas na luta pecuniária, e em todas as classes a posse dos traços pecuniários conta para o sucesso e para a sobrevivência do indivíduo. (VEBLEN, 2018, p. 109)

A produção moderna requer um interesse impessoal, onde o trabalho produtivo não seja discriminado. Para isto temos que a predominância seja um estado de hábitos e temperamentos pacíficos que levam ao sucesso deste modo de viver, já que entende-se que a produção é essencial para a manutenção da subsistência. Não pode-se dizer então que o temperamento predatório não exista mais, mas sim que decaiu com o tempo e que este afeta apenas negativamente o desenvolvimento da comunidade.

3.10 VESTÍGIOS MODERNOS DE PROEZA (CAP.10)

Encontram-se vestígios de proeza nas periferias da comunidade, que é onde se encontra a classe do lazer. Esta classe por si só é o demonstrativo de proeza mas o que a difere dos demais é o fato de não participar da produção. Desta forma todo indivíduo que for capaz de demonstrar capacidade pecuniária de consumo que

o abstenha da produção, será considerado da classe do lazer.

São vestígios de proeza também, os temperamentos e hábitos, quanto mais bárbaro o homem for, maior o demonstrativo de herança de proeza pelos seus antepassados. A propensão para combater, espírito marcial ou ainda como é chamado nos tempos modernos de patriotismo é outro indício de natureza humana arcaica e do estagio predatório que demonstra proeza, pois a guerra é honorífica. A classe dos delinquentes também possui certo grau de proeza devido a seu espírito belicoso.

Na classe produtiva o número de indivíduos que possuem características temperamentais belicosas é menor e por este motivo a classe em si não é uma classe de proeza, porém alguns dos indivíduos que a compõe se destacam por possuir aptidões de caráter honorífico.

Esta diferença de temperamento entre classes poderá dever-se em parte a uma diferença na herança de traços adquiridos, mas parece também corresponder, em certa medida, a uma diferença na origem étnica. (VEBLEN, 2018, p. 112)

A instituição do duelo, da classe do lazer, é outro demonstrativo de proeza. Não é possível dizer se um indivíduo possui traços de proeza na infância, pois a personalidade do mesmo ainda irá mudar. Na juventude a tendência é de um comportamento mais voltado ao predatório e da proeza, porém, este indivíduo também ainda irá passar por uma nova mudança. É então na fase adulta que o temperamento irá estabilizar e será possível avaliar o resultado.

Na maioria dos casos após a juventude a fase adulta vem como uma fase de estabilidade emocional e pacífica, porém há casos onde o espírito arcaico se desenvolve e são estes os indivíduos que podem ser considerados como herdeiros de um caráter predatório e portando de proeza.

Há também a inclinação para os esportes. Aqueles quais possuem inclinação para os esportes fúteis, como a caça, a pesca e outros que estimulem a emulação, possuem tendências de proeza. Já o fato de querer praticar esportes que sem objetivo e que cansem, são mal vistos.

O vigor físico adquirido no treino para os jogos desportivos – admitindo que o treino produzesse efeito – é vantajoso tanto para o indivíduo como para a coletividade, na medida em que, mantendo-se os restantes fatores, conduz à utilidade económica. Os traços espirituais que acompanham os desportos atléticos são também economicamente vantajosos para o indivíduo, por oposição aos interesses da coletividade. (VEBLEN, 2018, p. 116)

Os esportes confundem quanto a sua proeza. Já que os mesmos possuem caráter predatório mas, é possível identificar também que o seu treino desenvolva o espírito de coletividade, assim como do trabalho eficaz desejado nos propósitos de pensamento produtivo. Apesar disto, os esportes atléticos são em sua maioria formados por indivíduos da classe do lazer. Nas classes produtivas, os esportes tem um caráter distrativo. São de suma importância para a economia a medida que contribuem para o índice de desenvolvimento da economia.

Os traços que formam o caráter bárbaro também exercem influência na vida dos indivíduos da comunidade dado que suas aptidões são capazes de aumentar ou diminuir a utilidade econômica do indivíduo. Mas o fato de agir com astúcia em si, não possui valor econômico para a comunidade, exceto em períodos de guerra.

Tal como encontra expressão na vida do bárbaro, a proeza manifesta-se em duas linhas principais – força e fraude. Em graus variáveis, estas duas formas de expressão encontram-se também presentes na guerra moderna, nas ocupações pecuniárias, e nos jogos e desportos. Ambas as linhas de aptidão são cultivadas e fortalecidas pela vida desportiva, bem como pelas formas mais sérias de vida emulativa. (VEBLEN, 2018, p. 120)

3.11 A CRENÇA NA SORTE (CAP.11)

O gosto pelos jogos de azar e apostas são características bárbaras. É fato que estas características são arcaicas e não contribuem para o desenvolvimento da comunidade. O que leva aos indivíduos a apostarem é a crença na sorte, a classe do lazer é uma classe de religiosidade e que a faz ter a tendência para este tipo de expectativa. Não se pode dizer ao certo que a crença na sorte é da fase predatória pois acredita-se que seja anterior a ela.

A crença na sorte aliado ao desejo de ser vencedor, que é o prazer de ascender vendo ao seu lado o perdedor, são os elementos compatíveis com aqueles

com inclinação para os esportes. Desta maneira, percebe-se que dado que a crença na sorte está intimamente ligada à propensão a apostas, a crença na sorte é considerada um elemento de caráter predatório.

A crença é, nos seus elementos, um hábito arcaico que em larga medida pertence à natureza humana indiferenciada, primordial; mas quando essa crença é auxiliada pelo impulso emulativo predatório, e assim se diferencia, assumindo a forma específica do hábito de apostar, deve, nesta forma mais desenvolvida e específica, ser classificada como um traço do caráter bárbaro." (VEBLEN, 2018, p. 122)

Na forma desenvolvida do bárbaro ou do homem do esporte, verificam-se crenças com dois elementos distintos, são estes:

1°) A crença animista - que é a forma mais primitiva e arcaica. Onde são utilizados objetos como, por exemplo, os amuletos dos jogadores onde são atribuídos poderes sobrenaturais que alimentam o sentimento de crença na sorte.

2°) A crença na mão *hamingia* - que representa uma espécie de mão invisível capaz de conduzir ao caminho da sorte.

Estes dois elementos tem importância econômica a medida que afetam a perspectiva de pensamento e estimulam a utilidade do indivíduo a um propósito produtivo. As desvantagens econômicas do animismo estão mais presentes no sistema moderno de produção, onde é necessário ter uma comunidade organizada onde não haja preconceito para garantir a eficiência dos homens da produção. Uma vantagem frente aos demais será considerado um indicio de preconceito. A influência destas crenças serão exercidas a todo momento da vida do indivíduo e possuem forte pressão sobre o caráter e os hábitos do pensamento da comunidade.

O efeito direto, imediato do hábito de pensamento animista na disposição mental geral do crente vai no sentido de reduzir a sua inteligência efetiva no aspeto em que a inteligência tem especial importância para a produção moderna. (VEBLEN, 2018, p. 126)

Além da questão produtiva, o hábito do animismo tem importância por ser um indicativos de outros pontos arcaicos intrínsecos ao homem e por possuírem consequências materiais como: afetar o consumo de bens e enrijecer a obediência

do estatuto.

O antropomorfismo e a proeza estão estritamente ligados ao desejo de conservação dos hábitos mentais do regime de estatuto.

Assim, os traços psicológicos mais relevantes no estudo econômico dizem respeito ao hábito predatório e o desejo emulativo; ao estatuto e ao culto antropomórfico.

3.12 OBSERVANCIAS DEVOTAS (CAP.12)

Verifica-se que o apostador é um praticante fervoroso da fé por possuir predisposição para aceitar ordens sem questionar, além de adaptar seus atos para realização correta do ritualístico para que a sorte aconteça.

Aqueles que tem inclinação ao temperamento esportista ou delinquente são propensos a realização de cultos antropomórficos.

Os exercícios emulativos bem como as propensões animistas são elementos predatórios que servem ao propósito devocional, fortalecendo o estatuto e sendo um empecilho para o desenvolvimento da comunidade no momento atual (época em que Veblen está a escrever).

A divindade irá variar conforme hábitos de pensamento de onde é cultuado. Desta forma a divindade antropomórfica antiga é caracterizada como rigorosa, enquanto em fases atuais da crença, a concepção é de "Deus como pai" . Nestas fases mais avançadas a ideia é de retirar o medo outrora colocado sobre a divindade, focando os esforços para enaltecer e professar-lhe lealdade e subserviência.

Os hábitos de pensamento dos devotos são arcaicos e por este motivo não condizem com a vida econômica atual que se baseia em fatos materiais e sequencias mecânicas ao contrário dos crentes que buscam uma explicação para tudo em sua fé no sobrenatural, na mão invisível ou no antropomorfismo. No modo econômico atual, o devotismo deve ser visto com algo ultrapassado.

Apesar de em sua maior parte o pensamento devoto ser prejudicial à economia, há uma ligeira contribuição no que diz respeito ao consumo, já que os rituais precisam de toda uma parafernália de adornos, roupas e enfeites para

enaltecer a divindade. Ao mesmo tempo este consumo alimenta o cânone do consumo conspícuo e ao regime do estatuto sendo antagonistas.

Os dias dedicados à devoção de divindades também podem ser vistos como motivos negativos que desaceleram o desenvolvimento da comunidade produtiva. O devotismo tem perdido cada vez mais espaço uma vez que o modo de vida produtivo se faz necessário para a subsistência da vida e a partir da diminuição do preconceito com a classe produtiva.

Desta maneira, a classe operária, seguida pela classe média são as classes consideradas menos devotas e com menos inclinação para o cumprimento do estatuto, uma vez que sofrem diretamente com a pressão advinda das circunstâncias e que possuem ainda forças para pensar em melhores soluções e serem desta maneira os críticos da comunidade.

3.13 VESTIGIOS DOS INTERESSES NAO DISCRIMINATORIOS (CAP.13)

Com o passar do tempo o devotismo e o próprio estatuto vão perdendo força. Ocorrem algumas mudanças e os sacerdotes passam agora a realizar seu desenvolvimento voltado à caridade, e a compaixão, coisa que raramente fizera, bem como o sentido de comunhão com o meio envolvente. Estas mudanças, tendem a moldar o homem para o propósito econômico. Todas estas mudanças ocorridas são contrárias ao propósito da classe do lazer que tinha por base a comparação discriminatória. Enquanto a classe do lazer incentivava o consumo conspícuo, esta nova forma de pensar deprecia o desperdício e o modo de vida fútil.

Neste estágio avançado de desenvolvimento, não é mais necessário demonstrar aptidões predatórias pois não serão elas que garantirão o sustento mas sim a desenvoltura nas atividades produtivas. A pressão pecuniária já não se faz tão presente e opressora, as mulheres da classe do lazer nas comunidades produtivas deixam seu caráter discriminatório. A eficiência produtiva das associações comerciais e industriais é considerada motivo de muito orgulho, e os homens que atingiram maior leque de aptidões em atividades não se discriminam por participar ainda que na gestão pecuniária de uma empresa produtiva, mas sim se orgulham de

melhores resultados mesmo que isto não implique um aumento nos seus ganhos. Cresceu a tendência a atividade filantrópicas caráter principalmente religiosos, com a participação tanto de homens quanto de mulheres.

Todas estas mudanças demonstram um certo grau de ceticismo ao ideal de emulação. Verifica-se que em todas as atividades de caráter não discriminatório as mulheres se destacam com um papel mais ativo. O estatuto se faz mais presente na vida das mulheres abastadas e do clero, sendo estas classes a responsáveis pela conservação destes hábitos do pensamento.

Mas por detrás de todas estas ações de caridade que o devotismo faz, é preciso analisar melhor qual a segunda intenção. Normalmente as ações como a de ajudar indigentes e pobres está direcionada num segundo plano com o intuito de educar e moldar estas pessoas ao estilo de vida da classe do lazer. Isto não quer dizer que se vá dar a oportunidade de proeza a estes indivíduos mas sim, de que se lhes ajudará a sair da situação misógina, de forma educativa e friamente calculista, para que quando estes indivíduos tenham oportunidade de caminhar por si só, adotem o hábito de consumo conspícuo como regra em suas vidas.

Observando pelo ponto de vista econômico, o que se conseguiu foi o aumento de métodos mais dispendiosos ou menos eficientes para a obtenção do resultado material desejado.

A questão da oferta da cultura é mais uma atividade oportunista da classe do lazer com caráter a estimular o padrão de vida estatutário. Com isto o que temos no fundo com todas estas mudanças aparentemente não discriminatórias são mudanças nos métodos utilizados pela classe do lazer para influenciar a comunidade aos seus hábitos de pensamento.

Logo, na fase mais avançada da cultura pecuniária passa a ser requisito o não envolvimento com o processo produtivo de tal forma que é relaxada a pressão quanto à necessidade de emulação para dar atenção ao ponto de não produzir e não cair na má reputação. Neste sentido temos uma deixa discriminatória por parte da obrigação de emulação, ao mesmo tempo onde se é discriminado o trabalho produtivo.

Com o declínio da noção do estatuto, o homem ideal passa a ser aquele que contribui com a paz na comunidade de forma a agir pelos interesses do coletivo e não somente dos seus interesses individuais, ao mesmo tempo que futilidade deixa

de ser apreciada.

Mas é fato que apesar de todo o esforço para diminuir o caráter discriminatório da vida dos homens, os cânones contribuem fortemente para desencorajar e retroceder todo avanço nessa direção.

3.14 O ENSINO SUPERIOR COMO EXPRESSÃO DA CULTURAPECUNIÁRIA (CAP.14)

Os ensinamentos do professor são de grande importância no caráter econômico. É através da educação por eles transmitida que hábitos de pensamento que afetam a utilidade do indivíduo, são passados a cada geração.

Quaisquer características da disciplina e do esquema acadêmico acreditado que tenham origem nas predileções da classe do lazer ou na orientação dos cânones de mérito pecuniário devem ser atribuídas a essa instituição, e qualquer valor econômico que essas características do esquema educacional possuam é a expressão particular do valor dessa instituição. (VEBLEN, 2018, p. 154)

A origem do ensino está intimamente relacionado à função devocional da comunidade, onde o conhecimento era adquirido de forma a servir com excelência a entidade sobrenatural. O fim era apaziguar os homens moldando seu temperamento que deveria adotar uma postura de subserviência.

O servidor sacerdotal passa a obter conhecimento de como coagir a comunidade através de falar e gestos com as mãos. Desta maneira, o ensino é direcionado para benefício do sábio que coage e faz diversas imposições ao iletrado. O ensino era portanto uma condição ofertada à classe do lazer e das classes religiosas.

Com o tempo o conhecimento passou a ser caracterizado por suas subdivisões, sendo estas o conhecimento esotérico e exotérico. Sendo conhecimento esotérico, aquele cujo não estudava a economia ou a produtividade e o exotérico o que estudava. Surge assim a diferenciação entre o ensino superior e o inferior.

É possível observar como as universidades mais renomadas e de caráter liberal ou clássico que possuem os costumes voltados aos rituais das classes mais abastadas e principalmente religiosas, com rituais de cerimônias, vestimentas com trajos longos e majestosos e demonstrações de poder pecuniário. Nas escolas técnicas ou inferiores esta tradição religiosa não é verificada.

Lembrando agora do capítulo anterior sobre o caráter não discriminatório, percebe-se que o mesmo não acontece quanto a confiança de profissionais. Pois verifica-se que na escolha do profissional para passar adiante os ensinamentos, há uma tendência para escolher por aqueles cujo poder pecuniário é mais abastado. Até pouco antes de Veblen escrever o seu livro, as instituições de grau superior vedavam o ingresso de mulheres nas universidades, já no tempo em que o mesmo escreve o livro houve um progresso nesse aspecto e as mulheres passaram a ser aceitas. Ainda assim, o pensamento era de que o ingresso das mesmas devia ser aceito apenas para aprimorar os conhecimentos para desenvolver suas atividades domésticas ou para a realização do lazer vicário.

A universidade do tempo de Veblen possui um caráter erudito, conservador e que investiga não possui interesse nas inovações já que as apresenta nos estudos depois que não tem mais serventia. O seu interesse maior está em moldar o hábito do pensamento do estudante para o consumo conspícuo e o respeito do estatuto.

É perceptível que as humanidades, que tão relutantemente cederam terreno às ciências, estão uniformemente adaptadas a moldar o caráter do estudante em função de um esquema tradicional egocêntrico de consumo; um esquema de contemplação e desfrute do verdadeiro, do belo e do bom, de acordo com um padrão convencional de decoro e excelência, que tem como principal característica o lazer— *otium cum dignitate* . (VEBLEN, 2018, p. 163)

Em resumo, os conhecimentos apresentados pelas instituições de ensino superior da época de Veblen, apesar de sua vasta bagagem advinda do estágio predatório e da organização econômica, eram para os dias em que eram estudados, inúteis, devido ao atraso proposital no repasse de informações com caráter produtivo..

4. DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS

4.1 COMPARATIVO ENTRE VEBLEN E LIPOVETSKY

Como forma de trazer uma discussão contemporânea acerca do tema abordado por Veblen em seu livro sobre a Teoria da Classe do Lazer, foi decidido estudar e fazer um comparativo, com a obra "A Felicidade Paradoxal" de Gilles Lipovetsky,.

A obra foi escolhida por se tratar do tema do consumo exagerado, acima da necessidade de subsistência assim como em Veblen, porém focado nos tempos atuais. A primeira versão foi escrita em 2006 e a versão utilizada para estudo é de 2010. Desta forma considera-se uma obra parâmetro da nossa realidade.

Lipovetsky diferencia os ciclos de consumo do capitalismo em três fases de modo a caracterizar cada uma delas.

A **Fase I** (1880 - 1845) é onde a produção e o consumo em massa são constituídos a partir da invenção do marketing que levou à criação do consumidor moderno. Lipovetsky designa a primeira etapa histórica do capitalismo de consumo como a do "nascimento dos mercados de massa" (p. 26). Nesta época surge o consumo-distração e o consumo-sedução os quais verifica-se possuir-se inclinação até os dias de atuais. De 1845 a 1849 ocorre o período de transição entre a Fase I e a Fase II, porém a segunda fase é de fato estabelecida em 1950.

A **Fase II** (1950-1980) também conhecida como o período áureo do capitalismo keynesiano, é seundo Lipovetsky o modelo mais puro verificado da sociedade de consumo em massa. Esta época é marcada pela revolução comercial e pela criação de novas estratégias de marketing baseadas em segmentação de mercado, fatores socioculturais e demográficos. Nesta sociedade a ideia de progresso está diretamente ligada à melhoria das condições de vida, o que por sua vez é sinônimo de felicidade. O segundo ciclo histórico das economias de consumo Lipovetsky denomina de "sociedade de consumo de massa, a qual somente desabrocha com a ampla difusão do modelo Tayloriano-fordista de organização da produção" (p. 33). Esta fase é a do "modelo puro da sociedade de consumo de massa" (p. 32). Nesta fase "se esboroam com grande rapidez as antigas resistências

culturais às frivolidades da vida material mercantil" (p. 35). Nela o consumo "é definido como um campo de símbolos distintivos" (p. 38). Lipovetsky entende que "este ciclo está terminado" desde o fim dos anos 1970 (p. 41). "O acesso às novidades mercantis banalizou-se, as regulações de classe se desagregaram, novas aspirações e novos comportamentos vieram à luz" (p. 41). Agora "queremos objetos 'para viver', mais que objetos para exibir, compramos menos isto ou aquilo para nos pavonear, alardear uma posição social, que com vista a satisfações emocionais e corporais, sensoriais e estéticas, relacionais e sanitárias, lúdicas e distrativas" (p. 41).

A **Fase III** (1980 - dias atuais) é a fase em que nos encontramos. Possui início após a segunda fase. A questão da melhoria de condição da vida que surge na segunda fase é levada tão a sério que termina por criar uma sociedade que busca a todo custo emular sua quantidade de bens de forma a encontrar maior felicidade através do consumo. Da mesma maneira o marketing e suas estratégias criam inovações para alcançar maior número de consumidores e faz o papel de "educação" ou melhor diria de "doutrinação" do povo que agora assume uma cultura hiperconsumista, alcançando espaço em lugares que antes não eram considerados mercantilizáveis como: escolas, família e ética. Surge também nesta fase a questão do consumo com consciência, o consumo saudável em vistas ao meio ambiente que está atrelado à preocupação que este numeroso volume de consumo acarreta à sustentabilidade, bem como à necessidade de garantir que possa se manter o nível de consumo nas gerações futuras. Agora adentramos na fase do hiperconsumo, do "consumo emocional", na qual "o apogeu da mercadoria não é o valor signo diferencial, mas o valor experiencial" (p. 43). "A fase III é o momento em que o valor distrativo prevalece sobre o valor honorífico" (p. 43). Esta última fase corresponde à da "organização pós-fordista da economia" (p. 76) e ao advento da sociedade hipermercantil. "O estágio III significa o momento em que a esfera comercial se torna hegemônica, em que as forças do mercado invadem a quase totalidade dos aspectos da existência humana" (p. 142)

A Fase I do capitalismo do consumo. Berço do marketing, esta fase já atua de modo a massificar os padrões de consumo, tem início ainda na época de Veblen marcando o início das formas de divulgação dos hábitos de pensamento da classe do lazer.

A Fase II remete ao Institucionalismo defendido por Veblen, já que possui em si, características que consideram fatores socioculturais, étnicos e vai além, preocupando-se agora também com fatores demográficos devido ao alcance da globalização.

Temos na Fase III do consumo capitalista, grande diferença no padrão de consumo quando posto ao lado do padrão da época de Veblen. Primeiramente o fato de atribuir a felicidade ao consumo. Verificamos em Veblen, que no século XIX, apesar de muitos integrantes da população formadores da classe mais baixa privarem-se do consumo conspícuo, os mesmos eram felizes por motivos básicos que são saúde, ter um teto, o pão de cada dia e a família reunida. Já no padrão de consumo da Fase III do capitalismo, não possuir condições de consumo é sinônimo de infelicidade, e quanto mais condição de consumo, mais ideal de felicidade é atribuído a esse ser.

Lipovetsky, cita em sua obra números de crescimento do consumo de bens de utilidade doméstica citando que em 1954, o número de famílias que possuíam máquina de lavar roupas era equivalente a 8%, o número de famílias que possuíam uma televisão era de 3% e o número de pessoas que possuíam automóvel era de apenas 0,8%. Com o passar de duas décadas, mais precisamente em 1975, verifica-se que estas porcentagem elevam-se exponencialmente, de forma a que as porcentagens são respectivamente de 77%, 86% e 73%, atingindo a saturação do mercado.

Visto que o mercado atinge seu ponto de saturação, as empresas iniciam um processo de estímulo ao consumo, encorajando o pluriequipamento das famílias, ou seja, o fato de possuir mais de um bem daquele tipo, como por exemplo, possuir mais de uma televisão ou mais de um automóvel. A modalidade de consumo passa a ser então individualista. O que anteriormente era focado em consumo para aproveitamento dos integrantes da família, agora passa a ser consumo focado nos interesses individuais de cada integrante do conglomerado familiar.

A proporção das famílias possuidoras de dois carros passou de 11,4%, em 1973, a quase 30% no fim dos anos 1990. Em 1981, 10% dos lares tinham pelo menos dois aparelhos de televisão, eles eram mais de 40% em 1999. (LIPOVETSKY, 2010, p. 98-99)

Visto isto, o autor diz que na verdade não é o pluriequipamento que fez nascer o modo súbito e mecânico do consumo individualista, mas sim, um conjunto de fatores que estimularam a continuação do consumo. Esta colocação de Lipovetsky vem de encontro com Veblen e sua teoria de emulação pecuniária onde os indivíduos de uma comunidade possuem uma pré disposição ao consumo conspícuo que vem do fato de precisar demonstrar capacidade pecuniária além da necessária para sua subsistência a fins de manter o status de sua classe, bem como demonstrar sua classe honorífica e digna de proeza. Como proteção à descriminalização.

Porém na época de Veblen, quem gozava do consumo conspícuo eram as classes altas, como a classe do lazer e a classe dos religiosos. Uma diferença que é notada nos anos atuais é que este consumo acima do mínimo e para satisfazer desejos de prazer não é mais exclusividade das classes abastadas e já se difundiu para todas as classes sociais.

O supérfluo, a moda, os lazeres, as férias tornaram-se desejos e aspirações legítimos em todos os grupos sociais. Os gostos pelos bens duráveis, favorecendo a privatização da vida. (LIPOVETSKY, 2010, p. 100).

Nota-se como os tempos mudaram a forma de consumo e como agora torna-se mais fácil a aquisição de bens em vários fatores. Um dos fatores que contribuiu para a facilidade de acesso foi a criação dos auto-serviços, como supermercados, que são locais comerciais de livre acesso, onde qualquer classe pode frequentar sem se sentir discriminada e pode escolher o bem de consumo que melhor lhe satisfaz sem a pressão de um vendedor e onde posse fazer sua escolha dentro de seu tempo.

Surge então o comportamento hedonista do consumidor, onde a felicidade passa a ser reflexo do consumo. Onde o poder adquirir bens se torna sentido da vida de forma aceita universalmente e inquestionável. Onde uma pessoa sem recursos para consumir conspicuamente jamais será uma pessoa que poderá atingir a felicidade. No hedonismo individualista, a preocupação com a felicidade atinge tal ponto em que cria novas praticas do consumo, focado em férias, lazer, viagens e compras. Esta é uma característica verificada na modernidade já que na época de

Veblen quem consumia era quem possuía poder pecuniário para tal. Na modernidade já com a expansão do crédito, famílias que não possuíam condições agora passar a adquirir poder de consumo pelo empréstimo, o que acarreta ao endividamento das famílias.

A dependência do consumo avançando gera o que Lipovetsky chama de "Turboconsumismo". Este tipo de consumo é de um nível exacerbado, onde o comportamento dos indivíduos é de consumo hiperindividualistas. Neste tipo de consumo cada indivíduo possui um bem de consumo única e exclusivamente seu. Desta forma o consumo que outrora era utilizado por toda a composição familiar não existe mais. Com isso cada indivíduo passa a ter seu próprio telefone celular, por exemplo.

Cada um com seus objetos, cada um com seu uso, cada um com seu ritmo de vida. (LIPOVETSKY, 2010, p. 105)

Isto cabe também no caso da moda, onde os adultos compram aquilo que lhes agrada despreendendo-se do medo das críticas e dos costumes sociais. Este ponto é um grande comparativo com Veblen, pois apesar do consumo conspícuo ser importantíssimo, este consumo possuía um direcionamento, certos bens e artigos eram considerados mais nobres que outros sendo então sempre preferíveis. Os bens mais caros eram sempre a demonstração do belo. Na sociedade atual não, o belo está nos olhos de quem observa, assim não há um conceito unificado de beleza.

Na época de Veblen, todo aquele que desejasse consumir deveria deslocar-se até o comércio. Na atualidade conforme Lipovetsky nos mostra não é mais assim. Diversas facilidades inundam o mercado. O mercado se desloca até o consumidor e não o contrário. Pode-se verificar que aeroportos que antigamente ocupavam-se apenas em deslocar o passageiro agora oferece uma gama de serviços que o mesmo pode usufruir durante a viagem como refeições no trajeto. Nas estradas verifica-se que os postos de combustíveis possuem conveniências com alimentos e utensílios de necessidade básica. Outro aspecto levantado por Lipovetsky é que na sociedade moderna há um turismo noturno. Isto significa que há cidades em que

possuem vida comercial as 24hrs do dia. Oferecendo o comércio aberto para momento do dia.

O Turboconsumismo encontra sua realização perfeita na tecnologia através das redes eletrônicas que permitem agora que o consumidor possa realizar suas compras sem precisar se deslocar para escolher, apenas com o aparelho celular ou computador, bem como permite que o mesmo receba sua compra com a facilidade de entrega em seu domicílio. Este é então o ciberconsumidor. Este modo de vida tornou os indivíduos em hiperconsumidores, com pressa para a realização de suas atividades, sem tempo e disposição para submeter-se a longos períodos em compras. Que exige rapidez e eficiência nas transações e que facilmente fica aborrecido com demoras. Tornando-se doente, segundo Lipovetsky pela agilidade e eficiência do tempo.

Devido a esta necessidade de hipervelocidade exigida, as empresas buscam oferecer soluções que agradem ao público. Um exemplo citado pelo autor é de uma empresa chamada Decathlon que criou uma barraca que após ser desencapada montava-se em 2 segundos.

A comunicação diferentemente da época do Veblen que era morosa passa a ser via mensagem de celular ou e-mail de modo a agilizar o processo também tornando-a instantânea. O processo de realizar uma fotografia, compartilhar e apaga-la é feito em questão de segundos.

É importante ressaltar que apesar dessa pressa toda, nas atividades que dizem respeito ao lazer não é assim. O regime de tempo é de uma atividade consumidora policrônica. Gosta-se de aproveitar ao máximo o tempo livre em atividades prazerosas como passeios ou mesmo ao frequentar restaurantes.

Tem-se pela primeira vez um sistema onde não são as diferenças de condição as influentes mas sim o desvanecimento de coerções desse gênero, bem como do status de classe. Nesta sociedade os aposentados já não são mais homens doentes e que permanecem na periferia da consumo, mas sim, são indivíduos que atuam ativamente, viajando pelo mundo e adquirindo alimentos saudáveis. As crianças deixaram de ser vistas como na época de Veblen como seres que obedeciam os gostos e consumo de seus pais e passaram a ser vistas como "autônomos", possuidores de seu próprio gosto e com capacidade de consumo.

Por fim, surge uma nova época, a do consumidor "expert" e responsável, em

substituição ao consumidor individual. Este novo consumidor substitui o individual pelo familiar, o egoísmo pela solidariedade, o inútil pelo essencial e o efêmero pelo duradouro.

Lipovetsky cita Veblen por cinco vezes em sua obra e primeiramente o cita por três vezes no capítulo 2, onde coloca em pauta as necessidades que sociedades que enriquecem tem de aumentar o nível de consumo cada vez mais e se pergunta de onde viria essa tal necessidade de consumo e qual o motivo.

No rastro de Veblen, os sociólogos críticos dos anos 1960-70 esforçaram-se em responder a essas interrogações desconstruindo a ideologia das necessidades, sendo o consumo interpretado como uma lógica de diferenciação social. Nada de objeto desejável em si, nada de atrativo das coisas por si mesmas, mas sempre exigências de prestígio e de reconhecimento, de status e de integração social. (Lipovetsky, 2010, p. 38)

Verifica-se então que a origem vem dos cânones da época da classe do lazer do século XIX onde fora implantada a ideia da emulação que tinha como motivo incentivador a questão do reconhecimento da classe pertencente perante a sociedade, por este motivo os indivíduos não possuíam opinião própria sobre o que é belo por eles pois já era estabelecido um padrão de conformidade para cada classe.

Logo, Lipovetsky cita Veblen para realizar uma crítica aos sociólogos da época do autor que consideraram "o efeito Veblen" como a teoria que tudo explicaria a respeito da dinâmica consumidora, mesmo verificando que já então apresentavam-se indícios da pressão que o conforto, o prazer e os lazeres estavam causando enquanto à mudança de hábitos dos indivíduos onde a questão de precisar demonstrar proeza e honorosidade acabara ficando em segundo plano.

Digamo-lo sem dissimulação: a sociologia que se pretendia crítica mostrou não estar a par de seu tempo ao considerar "o efeito Veblen" o epicentro da dinâmica consumidora, no momento mesmo em que o valor de uso dos objetos tomava uma consistência inédita, em que os referenciais do conforto, do prazer e dos lazeres começavam a impor-se como objetivos capazes de orientar os comportamentos da maioria. (Lipovetsky, 2010, pg. 39)

Busca também conciliar a expansão do consumo emocional com o gosto pelas marcas que se observa principalmente no público jovem dos tempos atuais e se questiona:

Ao levar em conta o atual fetichismo das marcas, somos obrigados a trazer de volta o modelo do consumo demonstrativo caro a Veblen? (Lipovetsky, 2010, p. 47)

E indiretamente sua resposta é sim, em parte. Isto porque agora além do gosto pelo esnobismo, por brilhar e de classificar-se perante a sociedade, há também o desejo se diferenciar-se, distanciando-se o máximo possível da maioria, o que lhe faz se sentir especial e passa uma imagem positiva para si próprio, demonstrando um prazer narcísico.

Deste modo, a importância de todo o consumo deixa de ser impressionar os outros e passa a ser uma questão de agradar a si mesmo, como único que importa agradar.

O que importa não é mais "impressionar" os outros, mas confirmar seu valor aos seus próprios olhos, estar, como diz Veblen, "satisfeito consigo": "L'Oréal, porque eu mereço". (Lipovetsky, 2010, p. 48)

Conclui-se então que as considerações feitas ao consumir preferencialmente produtos de marca estão intimamente relacionadas com o fato de querer com isso auto considerar-se, como diz Lipovetsky "uma pessoa de qualidade".

Lipovetsky também cita Veblen em seu capítulo 10 , onde fala sobre a "[...] a regressão da inveja".

[...] Veblen sublinha que o motor do consumo dispendioso não é mais que uma "corrida à estima, à comparação provocante". Prevaler sobre os outros, atrair "a estima e a inveja dos semelhantes", eis os motivos de fundo que levam à aquisição dos bens suntuosos. (Lipovetsky, 2010, p. 326)

Concordando que ainda hoje é um ponto importante a questão da exibição, de causar inveja a quem lhe observa, mas que isto está caindo em desuso e verifica-se presente mais nas classes abastadas e observando que o padrão de pensamento

mudou e agora o interessante para os indivíduos passou a focar na realização pessoal.

O objetivo é, então, gozar intimamente a diferença em relação às massas, saborear prazeres raros e por eles mesmos, antes que despertar a cobiça alheia. Viver o luxo para si em vez de exibi-lo: a fase III se distingue pelo recuo das comparações humilhantes em favor de um neo-aristocratismo "interior", da experiência emocional das coisas belas, de um erotismo estendido ao campo dos bens mercantis. (Lipovetsky, 2010, p. 327)

Conclui então que apesar das heranças que temos da época do Veblen, a sociedade mudou, os tempos são outros e por isso a importância a formalizações e cânones deixaram de ser regra para marcar exceção na vida do hiperconsumidor que vê como sinônimo de viver bem poder aproveitar o tempo da melhor forma conforme seus gostos e inclinações pessoais e não sobre regras moldadas de classe.

5 CONCLUSÃO

Veblen identificou que o motivo pelo qual classes consomem acima do necessário para subsistência, deve-se à necessidade de respeitar padrões de classe impostos pelos cânones de cada época. O fato de respeitar estes padrões vem atrelado à tendência do homem à emulação e ao prazer que exibir sua condição de capacidade de consumo, e manter o status honorífico e de proeza frente à comunidade que o julga.

Nota-se que esta preocupação existe em todos os tempos sociais, porém os bens de consumo que representam cada classe foram mudando conforme modas e inovações foram surgindo.

Verifica-se que na modernidade muito mudou, em questão de logística, comunicação e facilidades que o comércio encontrou para se expandir. Porém, o desejo pela emulação jamais desapareceu e o motivo de consumir o máximo possível está fundado na ideia de atingir a felicidade através da não privação do consumo e do deleite em tudo que lhe der vontade.

Foi possível entender como o comportamento que hoje se faz presente em nossa sociedade vem da antiguidade, quando a classe do lazer juntamente com a classe religiosa começou a doutrinar os indivíduos através da escolarização, controlando seu temperamento e implementando às classes mais baixas que até então não eram consumistas, hábitos de pensamento predatório e de consumo conspícuo.

Ao analisar a economia pelo ponto de vista mais filosófico ou psicológico nota-se a grande vantagem que se tem ao poder identificar entendimento sobre as respostas sociais, entendimentos estes que não temos ao analisar apenas quantitativamente.

Por fim, todo este conhecimento adquirido de Veblen e comparado com a descrição da sociedade atual em que vivemos com foco no hiperconsumismo nos mostra como apesar das diferenciações que as épocas possam apresentar, no fundo, a base de tudo corresponde à hereditariedade de hábitos de pensamento que sobreviveram com o passar dos anos, seja por conveniência durante o processo, como é o fato da competitividade, a inclinação à guerra e ao combate no comércio

para se sair melhor, quanto pelo temperamento social e de viver em comunidade que floresce sentimentos de ajuda ao próximo e caridade.

REFERÊNCIAS

VEBLEN, Thorstein. A Teoria da Classe do Lazer. Clássicos da Economia: 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Companhia das Letras: 2010.

MALVES, Leonardo. A ostentação da classe ociosa. 2017. Disponível em: <<https://ensaiosnotas.com/2017/03/03/veblen-a-ostentacao-da-classe-ociosa/>>.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

PINEIRO, CARLA PAOLA RODRIGUEZ
CONSUMISMO: ESTUDO DE VEBLEN EM "A TEORIA DA CLASSE DO
LAZER" : SOBRE UMA VIDA DE APARÊNCIAS / CARLA PAOLA
RODRIGUEZ PINEIRO ; orientador, ARMANDO DE MELO LISBOA,
2021.
67 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio
Econômico, Graduação em Ciências Econômicas, Florianópolis,
2021.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. CONSUMISMO . 3. VEBLEN. 4.
CLASSE DO LAZER. 5. EMULAÇÃO. I. DE MELO LISBOA, ARMANDO.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Econômicas. III. Título.